



Centro Universitário de Brasília - CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

THAÍS LUZ BECKERT

**O LUTO E SUAS REPERCUSSÕES SUBJETIVAS: UMA ANÁLISE
PSICANALÍTICA ACERCA DA EXPERIÊNCIA DE PERDA DO PAI NA INFÂNCIA**

BRASÍLIA
2021

THAÍS LUZ BECKERT

**O LUTO E SUAS REPERCUSSÕES SUBJETIVAS: UMA ANÁLISE
PSICANALÍTICA ACERCA DA EXPERIÊNCIA DE PERDA DO PAI NA INFÂNCIA**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito básico
para a obtenção do grau de psicóloga.

Professor-orientador: Dr. Juliano Moreira
Lagôas

BRASÍLIA
2021

THAÍS LUZ BECKERT

**O LUTO E SUAS REPERCUSSÕES SUBJETIVAS: UMA ANÁLISE
PSICANALÍTICA ACERCA DA EXPERIÊNCIA DE PERDA DO PAI NA INFÂNCIA**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito básico
para a obtenção do grau de psicóloga.

Professor-orientador: Dr. Juliano Moreira
Lagôas

BRASÍLIA, 14 DE JULHO DE 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Juliano Moreira Lagôas, Dr. - UniCEUB

Prof. Guilherme de Freitas Henderson, Me. - UniCEUB

Profa. Valéria Machado Rilho, Me. - UnB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente e principalmente ao meu pai, Marcelo Beckert, meu anjinho, que com sua “ausência despropositada” foi o responsável pela minha paixão por este tema. Sou extremamente grata pelos nossos 5 anos de convivência intensa, que possibilitam que eu sinta sempre o seu amor presente. Você vive em mim!

À minha mãe, Solange, a mulher mais forte e guerreira que já conheci, a quem eu devo tudo. Obrigada por ser essa fonte inesgotável de amparo e amor. Obrigada por estar ao meu lado em todo e qualquer momento, por me apoiar em todas as minhas decisões e por ter sempre confiado no meu potencial, quando nem eu mesma acreditava.

À minha irmã, Amanda, minha melhor amiga, meu porto seguro. Obrigada por ser o melhor presente que eu já recebi, por não me permitir conhecer a solidão, por compartilhar e dividir comigo desde as coisas materiais até as minhas maiores alegrias e tristezas. Você colore a minha vida e o mundo é, sem dúvidas, muito melhor com você aqui!

À minha tia, Ana Laura, pela nossa conexão, que jamais poderá ser explicada em palavras. Obrigada por, em alguma medida, representar o meu pai, por me entender por completo com o olhar. Obrigada por fazer a nossa família crescer com uma pessoa tão especial como o Léo e, como fruto, nos presentear com a pequena grande Alice, que é minha paixão, a verdadeira realização de um sonho.

À minha avó, Zulmira, pela honra de receber tanto amor de uma pessoa tão doce, generosa, que pensa em tudo e em todos e que deixa a sua marca em todo lugar por onde passa. À minha avó, Luzia, por me “amar com eterno amor”, amor este traduzido em um livro, em uma música, em bolo de cenoura ou pavê de sonho de valsa, em cada brincadeira de “formiguinha” e em tantas outras coisas.

À Moniquinha, por ser meu braço direito e esquerdo, por estar sempre disponível, por fazer de tudo para me ajudar e pela amizade.

À Bijou, minha amiga de três patas, por me mostrar que o amor incondicional e o companheirismo independem das palavras.

Ao meu primo, Gus, por ser como um irmão, por passar por cada fase junto comigo, por me dar a certeza de que estará sempre ao meu lado, independentemente da circunstância. Ao meu tio Marcelo, à Virgínia e à minha prima, Luc, por se fazerem sempre presentes.

Às minhas irmãs de vida, Anna, Larissa e Vanessa, pela sorte desse encontro. A nossa amizade é tudo que eu sempre sonhei. Obrigada por cada conversa, cada risada interminável, cada festa e, principalmente, por poder crescer com a ajuda de vocês e por ter a oportunidade de ver de pertinho a evolução de cada uma de vocês. À Anna, agradeço, ainda, por me

permitir conhecer amigos tão especiais como João Paulo, Ana Renata, Samuel e Alex, pessoas que eu espero levar para a vida toda. À Gabi por se fazer presente tão carinhosamente mesmo com mais de 7 mil km de distância nos separando.

Aos meus amigos que me acompanharam ao longo de todo o curso, Letícia, Gabriel, Carol, Luiza, Luísa e Juliana, por fazerem com que cada manhã (ou talvez tarde e também noite) no Ceub fossem deliciosas e leves. Foi um prazer dividir tudo isso com vocês!

Aos amigos que fiz no final do curso, Ana Victória, Ju Bucher, Ricardo, Lara e Simone, pelas trocas teóricas, mas, principalmente, por dividirem comigo as angústias da monografia, dos últimos estágios e da inserção no mercado de trabalho.

Ao meu orientador, Juliano Lagôas, pela paciência, por todos os incentivos, pelo reconhecimento, pela liberdade e pela confiança. Obrigada por me ajudar a traduzir o meu desejo, de forma que conseguíssemos construir uma monografia melhor do que eu sempre sonhei.

À Júlia e ao Thomas (nomes fictícios), participantes desta pesquisa, por aceitarem prontamente o meu convite, por exporem questões tão delicadas de suas vidas e por me permitirem aprender tão mais profundamente sobre os processos de luto e sobre a diversidade de questões que estão implicadas nisso.

Ao professor Guilherme Henderson, por transmitir a psicanálise de um jeito tão encantador a ponto de me fazer passar da profunda desidentificação ao amor por essa teoria. Obrigada, também, por me motivar a transformarmos juntos um trabalho em artigo, o que foi decisivo para que eu optasse pela psicanálise. Agradeço, ainda, pelas supervisões de estágio valiosíssimas.

À professora Valéria Mori, por estar junto comigo na minha primeira pesquisa sobre o luto, por ter me tratado sempre de forma tão carinhosa e por compreender e incentivar a minha mudança de projeto de monografia no meio do caminho.

Às professoras Adriana Gebrim, Renata Vale e aos professores Rodrigo Baquero e Guto Medeiros, por me permitirem aprender sobre uma visão da Análise do Comportamento a partir de um olhar parecido com o do meu pai, por se emocionarem ao falar dele e por me mostrarem a magnitude de seu trabalho, coisa que eu nunca descobriria senão no encontro com vocês.

A todos os professores, desde o maternal até o último semestre de faculdade, que foram essenciais, das mais diversas formas, para constituir quem eu sou.

À equipe maravilhosa de Psicologia do STF, Máyra, Mamá, Dani e Gyl, pela oportunidade incrível de estágio, por me permitirem aprender muito mais do que sobre a psicologia, mas sobre humanidade. Sou muito grata por tudo que vivi e aprendi nesses dois anos.

Por último, mas nem um pouco menos importante, ao meu avô Lincoln, meu bichão, minha mais recente saudade e a pessoa mais sincera que já conheci. Não estava nos meus planos defender essa monografia sem que você reconhecesse exageradamente a qualidade de cada detalhe que eu escrevi. Você, com o seu olhar observador, foi capaz de ver coisas em mim que eu jamais valorizaria. Obrigada por tudo e por tanto!

RESUMO

A vivência da morte de um ente querido nos traz uma série de indagações. Neste sentido, a monografia aqui apresentada teve como objetivo investigar a experiência do luto na contemporaneidade, procurando compreender, em especial, como as pessoas que perderam o pai na infância elaboram essa perda no decorrer da vida. De forma mais específica, pretendeu-se entender o luto em sua dimensão estética. Para isso, realizou-se, na primeira parte do trabalho, uma discussão a respeito dos principais conceitos psicanalíticos atrelados a essa experiência: luto, melancolia, trauma, pulsão de morte, compulsão à repetição e sentimento de infamiliaridade (*Unheimliche*). O segundo capítulo (“Se meu pai estivesse vivo, eu seria uma outra pessoa”) foi dedicado à análise das entrevistas realizadas com pessoas que perderam o pai na infância, a partir das considerações teóricas levantadas no primeiro capítulo e guiada pelos princípios metodológicos da análise psicanalítica do discurso. Para esse fim, foram selecionados os trechos que melhor ilustravam os desdobramentos da perda vivenciada por eles. Fez-se relevante, também, tecer considerações teórico-clínicas acerca do conceito lacaniano de Nome-do-Pai. Pudemos concluir que vivenciar o luto de alguém amado faz com que o indivíduo seja sujeito de sua experiência, já que este evento requer a construção de um novo começo e de novas elaborações. A partir disso, ressaltamos a importância de evitarmos o silenciamento em relação à morte, na medida em que é através das palavras que ocorre a subjetivação dos conteúdos que surgem a partir da perda. Foi perceptível, também, a forte ligação da ausência dessa elaboração com a compulsão à repetição, com o eterno retorno do mesmo. Enfatizamos, por fim, o caráter singular do preenchimento do vazio da falta na constituição da presença simbólica do ente perdido.

Palavras-chaves: Psicanálise; Luto; Morte; Trauma; Infamiliar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Angústia, o nada e a morte na filosofia de Heidegger.....	11
CAPÍTULO I - TRAUMA, LUTO E MORTE SEGUNDO A PSICANÁLISE	15
1.1. Luto e sofrimento na sociedade contemporânea.....	20
1.2. O sentimento de infamiliaridade <i>Mais Além do princípio do prazer</i>	23
MÉTODO	28
2.1. Procedimento de construção do material.....	30
2.2. Procedimentos de análise.....	30
CAPÍTULO II - “SE MEU PAI ESTIVESSE VIVO, EU SERIA UMA OUTRA PESSOA”	31
3.1. A função paterna e suas expressões no processo de luto.....	38
3.2. Sentimento de Infamiliaridade	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
ANEXOS	56
ANEXO A	56
ANEXO B	59
ANEXO C	60

INTRODUÇÃO

Na conferência “A morte como quase acontecimento”, disponível no YouTube, o antropólogo Viveiros de Castro (2013) explica a visão que os indígenas têm acerca da morte e dos mortos. É uma cultura que enxerga o morrer de maneira bastante diferente dos ocidentais. Os índios temem os mortos, e não a morte, eis aí um primeiro ponto de diferença. Para eles, os mortos são solitários, sentem falta dos vivos e os desejam. Isso faz com que busquem ter os vivos junto a eles novamente, aproximando os que ainda vivem da morte. Assim, os indígenas têm como objetivo esquecer quem faleceu, de forma a destruir seus pertences materiais e até a evitar pronunciar seu nome. O morto vira exatamente o oposto do que é ser humano.

Por outro lado, na sociedade ocidental, a relação com os mortos é, geralmente, afetuosa e marcada por certa gratidão pelo tempo compartilhado durante a vida. Não é comum que haja a tentativa de esquecimento de quem se foi, de abandono do que essa pessoa representou. É interessante pensar que a morte pode transformar relações que, em vida, foram permeadas por constantes conflitos. Nessas relações, o morrer costuma ser apaziguador de tais diferenças, de modo que a pessoa que ficou se desvencilhe, pelo menos conscientemente, de mágoas ou rancor. As qualidades do morto são mais lembradas do que os eventuais defeitos. Assim, o morrer traz ao humano ocidental uma posição mais próxima das divindades, intocáveis e inquestionáveis (CASTRO, 2013). Freud (1915/2010) também comenta sobre a postura específica que assumimos diante dos mortos: a imensa admiração, a desconsideração de qualquer erro cometido, e um apreço colocado acima de qualquer verdade, maior do que o que costumamos ter por qualquer pessoa viva.

Como já mencionado, na cultura indígena, o silenciamento em relação aos mortos está ligado justamente à necessidade de apagar os resquícios de sua existência, da memória dos vivos. Mas, na cultura ocidental, esquecer os mortos não costuma ser um objetivo. Por outro lado, a morte tornou-se um evento invisibilizado, privado e secreto. Escondem-se os corpos, o momento do falecimento e, principalmente, os sentimentos advindos desse acontecimento. Por mais que o sujeito que vive uma perda dificilmente esqueça a pessoa que se foi, é muito comum que não haja mais espaço para compartilhamentos a respeito dessa pessoa, de forma que se torne um assunto privado e proibido, um grande tabu. O que explicaria esse silenciamento? As maneiras de lidar com a morte na cultura indígena e ocidental parecem ser,

em essência, opostas. Apesar disso, o caminho que leva os índios ao esquecimento parece chegar ao mesmo destino que a população ocidental atinge ao tornar a morte um assunto privado: o silêncio.

Viveiros de Castro (2013) ressalta, ainda, que uma história torna-se muito interessante ao ouvinte quando narra uma experiência de quase-morte. Esse interesse parece passar pela realização do desejo de preservação da vida, evitando que a morte seja uma certeza consciente. É curioso pensar como o morrer, de certa forma, guia a vida do ser humano. Deixa-se de fazer muito do que se gosta, para não morrer. Trabalha-se para ter sustento, para não morrer. Cuida-se de pessoas queridas, evitando a morte das mesmas. Mas, ao mesmo tempo, quando o mais temido dos eventos ocorre, não se pode falar sobre isso. Resta saber como essa proibição se articula na relação do sujeito com a realidade e com o social.

A questão da morte traz consigo a experiência do luto. Para a psicanálise, o luto é “a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc” (FREUD, 1917/2010, p. 128). Assim, diante da perda de um objeto com o qual o sujeito se identifica, faz-se necessária a elaboração do luto. Este processo implica um desinvestimento libidinal gradual em relação ao objeto perdido, para que seja possível investir em novos objetos. Faz-se importante mencionar que, no luto, o desinvestimento não significa desligar-se do objeto, mas ressignificar a ligação antes estabelecida (FRANCO e MAZORRA, 2007). Trata-se de transformar a modalidade de presença do objeto amado.

Freud (1917/2010) aponta, portanto, que a vivência do luto não está restrita à perda de um ente querido, podendo estar relacionada a diversas outras perdas cotidianas. O presente trabalho irá abordar, mais especificamente, como ocorre a elaboração do luto em pessoas que perderam o pai durante a infância. Para que se entenda esse processo, é necessário pensar que a morte é elaborada em diferentes momentos da vida, à medida que a pessoa se torna capaz de compreender a perda física vivenciada e elaborar os outros aspectos implicados nessa perda (FRANCO e MAZORRA, 2007).

Sobretudo nas sociedades ocidentais, a convivência com a família nuclear ocupa posição fundamental na constituição subjetiva, já que propicia condições de crescimento, desenvolvimento e amparo para as crianças, dada a condição de desamparo fundamental que caracteriza a vida humana. Desde o nascimento, o bebê possui a necessidade de se sentir amado e cuidado pelos pais. Para isso, é importante que as figuras parentais permitam que a

criança viva momentos de ausência, intercalados com momentos de presença, de forma que possam perceber constância nessa família nuclear (GRIGORIEFF e NUSKE, 2015). Entretanto, quando a morte retira a reversibilidade dessa ausência, tornando-a absoluta, não-dialetizável, a criança se depara com sentimentos de desamparo e impotência (FRANCO e MAZORRA, 2007).

Além de todas as dificuldades atreladas à perda de um ente querido, viver em uma sociedade que nega o sofrimento e busca continuamente a felicidade, pode tornar a elaboração do luto ainda mais complexa. Neste sentido, Birman (2004) aponta que a cultura contemporânea tem em sua base o narcisismo, o individualismo e o imediatismo. Ao sujeito, não é permitido ter insuficiências e, muito menos, recorrer a um outro para solucioná-las, já que este costuma ser visto como um rival, fazendo da alteridade um grande perigo e ameaça.

Diante disso, sentir-se triste é, muitas vezes, considerado uma característica de uma pessoa fraca e merecedora de culpa. Entretanto, negar a dor não a torna inexistente, e, ao contrário, pode ainda ser fonte de mais dor e desalento (FORTES, 2009). O enfraquecimento do sofrimento, do desamparo, do registro da falta e da figura da alteridade impede a manifestação do desejo, e, conseqüentemente, impossibilita a ocorrência de um movimento de transformação (DOCKHORN, 2012). Dessa forma, negar a dor é também negar a morte e, conseqüentemente, dificultar a elaboração do luto.

A partir dessa perspectiva, questiona-se: quais são os impactos da não-elaboração do luto diante da perda de figuras tão importantes na constituição psíquica do ser humano?

Angústia, o nada e a morte na filosofia de Heidegger

Heidegger chama de “ser-aí” (*Dasein*) o ser humano, um ente privilegiado, em comparação aos outros, por poder compreender sua própria existência (SANTOS; MOHR, 2018). Perceber-se como ser em um mundo de caráter indeterminado provoca o sentimento de angústia no *Dasein*. Não é o encontro com um objeto determinado que angustia o ser-aí, mas ver-se diante do “não-ente”, ou seja, lançado em um nada indeterminado e misterioso constitutivo da vida (ARAÚJO, 2007). Ao dizer que o ser-aí é lançado no mundo, Heidegger enfatiza que existir não decorre de uma escolha pessoal e que não há conhecimento a respeito do sentido da existência ou da finalidade deste lançamento no mundo (MACIEL, 1999). Assim, é a angústia que permite ao indivíduo a tomada de consciência a respeito da própria

existência e de sua consequente finitude. Esse despertar para a finitude, para a morte e para a temporalidade da existência define o que Heidegger denomina “ser-para-a-morte” (WERLE, 2003).

A consciência da morte implica a desconsideração de uma vida eterna, uma vez que dá fim ao “ser-no-mundo”, a existência física. Assim, por mais que o ser humano tenha o privilégio de compreensão da própria existência, esta é muitas vezes inautêntica. Tal inautenticidade é caracterizada por uma ausência de responsabilização do sujeito, por uma recusa da falta, disso que lhe é mais próprio. Essa resistência surge a partir da angústia da finitude, que, em alguns casos, pode ser considerada responsável pelo caráter negativo atribuído à morte na sociedade ocidental (WERLE, 2003; SANTOS; MOHR, 2018). Diante de uma visão da morte como maligna ou como castigo de entidades do mal, torna-se necessário afastar tudo que a ela se relacione, a fim de evitar a dor e o sofrimento. Com isso, é comum que o ser-aí inautêntico torne-se impessoal, ou seja, apoie-se em um sentimento coletivo de “a gente” e recuse cada vez mais os sentimentos que lhe são mais próprios e individuais (SANTOS; MOHR, 2018). O ser-aí inautêntico, ao não se assumir em sua totalidade, ao invés de “ser-diante-de-si-mesmo”, é um “ser-junto-às-coisas” (MACIEL, 1999), isto é, aos entes que não possuem o privilégio de consciência da própria existência.

Castro (2013), assim como Heidegger, considera a morte como um quase-acontecimento, já que só é vivida indiretamente, ao se perder alguém. Entretanto, compreendendo a morte do outro como um obstáculo intransponível, o sujeito se recorda da possibilidade da própria morte e se assombra. Paradoxalmente, é essa angústia de finitude que permite ao ser uma construção singular de sua existência, ao tornar-se sujeito de sua própria experiência e cumprir de forma completa a sua tarefa de “ser-no-mundo” (SANTOS, 2009). Quando o ser-aí assume o nada da angústia junto a sua consequente ausência de sentido e sensação de estranheza, de sentir-se fora de casa, torna-se autêntico (ARAÚJO, 2007; MACIEL, 1999). A angústia, portanto, é o caminho para a autenticidade, já que faz com o que o sujeito se questione sobre o sentido de sua existência (Santos; Mohr, 2018). Diante do exposto, o morrer pode ser visto de forma positiva quando encarado como parte do fenômeno da existência, e não como término da mesma (WERLE, 2003). Não é à toa que

Freud transforma o antigo ditado “Se queres conservar a paz, prepara-te para a guerra” em “Se queres aguentar a vida, prepara-te para a morte” (FREUD, 1915/2010).

É comum que a sociedade privatize a experiência da morte, ou seja, confira ao sujeito a responsabilidade de lidar com a sua dor de forma individual e, conseqüentemente, solitária. Assim, frequentemente, o assunto é tratado com mais pudor por parte de quem se dirige a uma pessoa enlutada do que por parte do próprio sujeito que vivenciou a perda. Essas características mostram como esse fenômeno ainda é um grande tabu para a nossa sociedade.

Com base no exposto, compreende-se que tratar deste tema pode contribuir para sua desmistificação, na tentativa de retirar a experiência da morte de um campo singular e privado e coletivizá-la, trazendo-a para o campo do debate público. Além disso, articular um fenômeno psicológico com uma dimensão sociológica pode favorecer a discussão interdisciplinar a respeito de questões tão complexas, como a morte e o luto. Essa pesquisa busca, ainda, servir como contribuição acadêmica para futuros psicólogos, de forma a propiciar um conhecimento necessário para que a clínica psicológica não seja outro ambiente de negação e silenciamento dos sentimentos implicados na elaboração do luto.

Acredita-se, também, que o presente trabalho possa colaborar com a teoria psicanalítica ao ampliar as discussões a respeito do luto, tendo em vista que Freud dedicou poucos trabalhos para tratar desta questão. Seu principal trabalho sobre o luto, *Luto e Melancolia* (1917/2010), discute muito mais a melancolia e define o luto de forma rígida, apenas para fins de diferenciá-lo da condição melancólica.

A partir de um levantamento bibliográfico, constatamos a existência de uma longa história de debates sobre a morte, de um lado, e sobre a negação da dor na cultura contemporânea, de outro. Tem-se como exemplo na antropologia (Castro, 2013), na filosofia (Sartre, 1938; Heidegger, 1989; Werle, 2003) e na psicanálise (Freud, 1917/2010; Birman, 2004; Allouch, 2004; Rilho, 2015). Na psicanálise, o luto como um processo psicológico é bastante discutido. Entretanto, a presente pesquisa busca apreendê-lo a partir de uma perspectiva específica e ainda pouco trabalhada: a elaboração do luto, ao longo da vida, por pessoas que perderam o pai na infância. Pretendeu-se, também, traçar uma relação do luto com a dimensão social, ou seja, com a negação da dor e do mal-estar.

A partir dessas considerações e questionamentos, o objetivo geral desta pesquisa é investigar a experiência do luto na contemporaneidade, procurando compreender, em especial, como as pessoas que perderam o pai na infância o elaboram no decorrer da vida. De forma mais específica, pretendeu-se compreender a experiência do luto em sua dimensão estética¹.

Neste sentido, inicialmente, no capítulo I, tentamos apresentar considerações com base na teoria psicanalítica acerca de aspectos que constituem o processo de elaboração do luto, através de conceitos como: melancolia, trauma, pulsão de morte e compulsão à repetição. Ademais, buscamos abordar, também, a forma com que a sociedade contemporânea lida com esse tema, bem como apreender a experiência do luto sob a perspectiva de sua dimensão estética, de sensibilidade. Posteriormente, apresentou-se as análises de discurso das entrevistas com os participantes que perderam o pai na infância. Ao longo das análises, os conceitos anteriormente apresentados foram relacionados com os discursos dos participantes e, além disso, procuramos tecer associações entre esses relatos e o conceito lacaniano de Nome-do-Pai.

¹ Aqui, quando nos referimos a estética, estamos pensando na dimensão da experiência sensível do sujeito. Ao longo do trabalho, esperamos que essa concepção de estética fique mais clara para o leitor.

CAPÍTULO I - TRAUMA, LUTO E MORTE SEGUNDO A PSICANÁLISE

As ideias de Heidegger, mencionadas anteriormente, abordam a morte a partir de uma perspectiva existencialista. Neste capítulo, pretendemos abordar a questão da morte sob a ótica das dinâmicas psíquicas e dos processos inconscientes subjacentes à experiência do sujeito enlutado.

Freud considera que o desejo é o motor do psiquismo, mobilizando, assim, o princípio do prazer, ou seja, a tentativa de evitar o desprazer e proporcionar a satisfação (FREUD, 1920/2010). Assim, há sempre no organismo uma pulsão, uma carga energética, intensa e sem qualidade, que pretende descarregar-se e satisfazer-se. A circulação da energia psíquica busca os caminhos menos resistentes à sua passagem, tendo, por consequência, uma tendência a percorrer caminhos já conhecidos, de forma que o sujeito possa reviver suas experiências primárias de satisfação. Sendo assim, a repetição constitui o aparelho psíquico. A tentativa de satisfazer um desejo proibido e, portanto, recalcado, manifesta-se a partir de fenômenos como sintomas, atos falhos, sonhos, transferência, etc. O retorno de conteúdos recalcados funcionará, portanto, a partir da lógica repetitiva do aparelho psíquico (PAIM, 2010).

Em *Recordar, Repetir e Elaborar*, Freud (1914/2010) introduz o conceito de “compulsão à repetição”. Nesse texto, aponta que, diante da impossibilidade de se admitir na consciência um recalcado que insiste em retornar, o sujeito é impelido a repetir, em ato, isso que não se deixa elaborar pela via da simbolização. Tais repetições ocorrem na tentativa de preservar o recalque, sem que a busca pela satisfação do desejo seja deixada de lado. A noção de compulsão à repetição será mais bem desenvolvida por Freud (1920/2010) em *Além do Princípio do Prazer*. Neste momento, o conceito deixa de estar vinculado apenas ao princípio do prazer, visto que passa a ter sua origem também em traumas. A partir daí, considera-se que o sujeito não repete mais apenas as vivências satisfatórias primárias, mas, também, situações que nunca foram fontes de prazer. Dessa forma, repetem-se situações manifestamente desagradáveis e dolorosas, o que transforma tais experiências, antes repulsivas, em atrativas (PAIM, 2010). Apesar de desprazerosa, a compulsão à repetição de momentos traumáticos

não age em contradição com o princípio do prazer, pois o que é desprazeroso para um sistema do Eu pode ser satisfatório para outro (FREUD, 1920/2010).

Atrelado a essa compulsão à repetição do que não é satisfatório, está o conceito de “pulsão de morte”. Partindo de uma base biológica, Freud considera que essa pulsão representa uma tendência, constitutiva dos seres vivos, em retornar ao estado inorgânico (JORGE, 2000). A pulsão de vida e a pulsão de morte são ambas conservadoras, na medida em que buscam a manutenção de seus estados anteriores. De um lado, a pulsão de morte procura preservar o não-ser que constitui o ser, e, de outro, a pulsão de vida pretende preservar a existência do que foi criado pelo sujeito (JORGE, 2010). Assim, em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud (1924/2011) considera que as pulsões devem agir em conjunto, de forma que a pulsão de morte trabalhe a serviço da pulsão de vida. O risco para o funcionamento do psiquismo encontra-se justamente na separação dessas pulsões, ou seja, na defusão pulsional, que implica o funcionamento isolado da pulsão de morte, e, conseqüentemente, da dimensão de destruição voltada para o próprio sujeito (FREUD, 1923/2011).

Paim (2010) chama atenção para a relevância de não tomar a pulsão de morte como vilã dos processos psicopatológicos. A manifestação da pulsão de morte através de uma repetição compulsiva pode permitir que um conteúdo recalçado seja escutado e elaborado. Essa elaboração permite a simbolização de conteúdos traumáticos não simbolizados anteriormente na história do sujeito.

Faz-se relevante mencionar que o trauma não se refere a um acontecimento específico, mas à elaboração desse acontecimento pela pessoa e aos efeitos que isso terá em seu psiquismo. Assim, a vivência de um mesmo acontecimento por dois indivíduos não significa uma mesma simbolização do trauma, já que a história de vida de cada um é singular, devendo-se considerar também o mundo de fantasia do sujeito (RUDGE, 2009).

Na concepção de temporalidade tradicional, entenderíamos que o passado incide sobre o presente de forma linear. Entretanto, ao pensar o trauma, é necessário entendê-lo a partir de uma temporalidade *a posteriori*, isto é, uma vinculação constante do passado ao presente, o que permite uma transformação dos significados antes estabelecidos. O passado é

sempre reconstruído na medida em que é influenciado por “ideias, desejos e interesses do presente” (RUDGE, 2009, p. 19).

Diante da vivência de uma experiência traumática, não é comum que o sujeito queira conscientemente reviver tais situações. Apesar disso, costuma haver uma invasão súbita e intensa de memórias relativas ao trauma. Isso nos permite compreender a compulsão à repetição como algo anterior ao princípio do prazer. Mesmo com a tendência do psiquismo a evitar o desprazer, há situações nas quais esse princípio é vencido pela compulsão à repetição, que reproduz vivências que causaram dor e sofrimento (RUDGE, 2009).

Há um limite no aparelho psíquico que impede a total compreensão de si ou do outro, fazendo com que haja sempre um resto, uma parte incompreensível e inassimilável, chamada por Freud (1895/1996) de “a Coisa” (*das Ding*). Entretanto, há um atributo passível de compreensão que funciona como revestimento psíquico da coisa, o "componente variável" do "complexo perceptivo", "seu predicado" (LAGOAS e CHATELARD, 2019, p. 8). Esse "predicado" cumpre o objetivo de permitir que o psiquismo tolere a ausência de representação. No entanto, caso o aparelho psíquico esteja despreparado ou tenha que se haver com uma grande intensidade de excitação, a via de satisfação se dá pela compulsão à repetição. Em que pese o desprazer dele decorrente, o trabalho da pulsão de morte é essencial ao sujeito. À medida que o confronto com a impossibilidade de representação o obriga a sair da eterna repetição do mesmo, ocorre o exercício de um trabalho de cobertura desse irrepresentável, de forma a impedir que a elaboração de representações atinja uma estabilidade (WINOGRAD, 2018).

Diante do exposto, por mais desestruturante que seja um evento traumático, como a morte de um ente querido, lidar com a dimensão irrepresentável desses acontecimentos permite ao sujeito a constituição de sua singularidade, a definição do que se é e a constante reconstrução do passado a partir do presente. É uma lógica a ser pensada além do princípio do prazer, ao acolher a intensidade e a dor em prol de uma busca por satisfação no percurso (WINOGRAD, 2018). Assim:

O desafio de uma análise é transformar o arrebatamento pela dor em potência de subjetivação. A favor do processo analítico está o próprio psiquismo, em sua busca incessante por processamento, que se mantém pulsante ainda que encontre um limite, um resto intransponível e impossível de elaborar (WINOGRAD, 2018, p. 239).

Compreendendo que a perda de um ente querido configura-se como um evento traumático, discutiremos a seguir o luto para a psicanálise. Como já mencionado em outro momento deste trabalho, Freud define, em seu artigo *Luto e Melancolia*, que o luto é “a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc” (FREUD, 1917/2010, p. 172). Apesar de o luto dificultar que o sujeito siga a vida em sua normalidade, não é adequado considerá-lo como um estado patológico, isto porque se acredita que este será superado com o passar do tempo. Diante de uma perda, é comum haver um desânimo e uma suspensão do interesse pelo mundo externo, na medida em que a realidade externa não traz lembranças relacionadas ao objeto perdido. Assim, é possível que a pessoa consiga se conectar com o mundo externo ao falar sobre a sua perda (FREUD, 1917/2010).

Freud nota que a melancolia, por sua vez, carrega todas essas mesmas características do luto, havendo, entretanto, uma primeira diferença que os distingue: o rebaixamento da autoestima, o empobrecimento do Eu. A diminuição da autoestima leva o sujeito a fazer autorrecriminações e ofensas, considerando-se indigno, tendo como objetivo final a punição, o castigo. A perda do amor próprio talvez fique ainda mais clara ao notarmos que o melancólico, ao invés de envergonhar-se ao se depreciar diante do outro, se satisfaz ao desnudar-se. Freud fala em um “delírio de pequenez”, que abala os instintos que nos ligam à vida: o sono, a alimentação, os autocuidados de uma forma geral. Assim, atribui-se à melancolia o desconhecimento acerca do que foi perdido nesse alguém que se foi, tornando-a enigmática, de forma a dificultar a compreensão do que tanto consome aquele sujeito (FREUD, 1917/2010).

Ainda em relação ao rebaixamento da autoestima, Freud nota, por outro lado, ao ouvir as autoacusações de melancólicos, que é muito comum que estas não se refiram a características da pessoa em questão, mas, sim, de alguém que já foi, é, ou deveria ser amado por ela. Assim, “queixar-se é dar queixa” (FREUD, 1917/2010, p.180), no sentido de que as queixas, na verdade, são dirigidas a um outro (FREUD, 1917/2010).

Voltando para o trabalho do luto, este se inicia quando o sujeito encontra na realidade uma prova de que o objeto amado deixou de existir, mesmo que este ainda exista em um âmbito psíquico. Assim, a realidade exigirá o desligamento da libido investida no objeto. A

partir daí, considera-se que o Eu se torna capaz de ligar-se a outro objeto (FREUD, 1917/2010). O desligamento do objeto é um processo lento e doloroso, que envolve, também, a elaboração das fantasias que surgem a partir da perda do objeto (CAMPOS, 2013). A dificuldade desse processo, atribuída tanto ao luto quanto à melancolia, se dá pela quantidade de ligações, advindas de diferentes fundamentações inconscientes, que reforçam a significação do objeto para o Eu.

Diferentemente do luto, na melancolia, a libido livre fica impossibilitada de ser investida em um novo objeto, na medida em que se volta para o próprio Eu. Isto é, “a sombra do objeto cai sobre o Eu” (FREUD, 1917/2010, p. 181), de forma que a perda não seja apenas do objeto, mas do Eu. Esta frase nos mostra que, na melancolia, o indivíduo assume o lugar do objeto, de espectador, de forma a não ter que assumir uma posição de sujeito. Com isso, é possível notar, na melancolia, um grande consumo de energia psíquica, que se desdobra no esvaziamento, no empobrecimento simbólico, mencionados anteriormente. Freud compara esse mecanismo da melancolia a uma “ferida aberta”, responsável por escoar a energia do aparelho psíquico, levando-o a realizar contrainvestimentos, até que o Eu tenha a sua capacidade de interpretação da realidade esvaziada e empobrecida (FREUD, 1917/2010).

Por mais que, em *Luto e Melancolia*, Freud (1917/2010) não tenha falado especificamente sobre a pulsão de morte e sua relação com a melancolia, ela está ali presente. Como já discutido na presente pesquisa, espera-se que as pulsões de vida e de morte atuem em conjunto, de forma que a pulsão de morte não aja isoladamente, o que pode constituir um perigo para o sujeito. O risco encontra-se na desfusão pulsional, ou seja, na atuação isolada da pulsão de morte (FREUD, 1923/2011). É importante ressaltar que a "pura" pulsão de morte não é sinônimo de desejo de morrer ou de chegar ao fim da existência física. Um sujeito dominado apenas pela pulsão de morte, na verdade, tem sua capacidade de desejar anulada em função do esvaziamento do próprio Eu. Tendo em vista o isolamento do Eu em relação ao mundo, característico da melancolia, entendemos que o que anula a faculdade do desejo não é o não-reconhecimento do Eu, mas a impossibilidade de conexão entre o Eu e o mundo, e, portanto, aos objetos e ao desejo. Para Freud, além de se revelar através da compulsão à repetição, a pulsão de morte se apresenta também através da agressividade e da destrutividade (CAMPOS, 2013).

A disjunção das pulsões seria uma característica da melancolia. Nela, o sujeito vive uma destrutividade, que, por não poder ser direcionada ao mundo exterior, volta-se para o próprio sujeito. Portanto, há, na melancolia, uma junção entre tendências sádicas do Supereu e masoquistas do Eu, que resultam na extinção do desejo de vida e na busca pela autodestruição (SILVA; COSTA, 2012). Tudo isso é consequência de uma identificação inconsciente com o objeto perdido. Quando a melancolia leva o sujeito ao suicídio, percebe-se uma imensa dificuldade de simbolização, já que este consiste na tentativa de acabar com o objeto de amor, que foi confundido com o próprio Eu (MENDES; VIANA; BARA, 2014).

Para diferenciar o luto do caráter enigmático da melancolia, Freud (1917/2010) afirma, ainda, que nele há total consciência do que foi perdido. Entendemos que o sujeito enlutado é capaz de identificar o objeto que não mais existe. Entretanto, compartilhamos da crítica feita por Rilho (2015), ao questionar se não há mesmo nada de inconsciente no luto, se saberíamos dizer tudo o que foi perdido em nós diante da perda de um objeto específico e, por fim, se teríamos total clareza do lugar que este objeto ocupava (e possivelmente continuará a ocupar) em nossa subjetividade. Em *Transitoriedade* (1916/2010), texto anterior a *Luto e Melancolia* (1917/2010), Freud considera o luto como um fenômeno enigmático e que está atrelado a uma série de questões obscuras, o que aponta para a possibilidade de não haver plena consciência, como ele posteriormente descreveu.

Allouch (2004) também critica as considerações de Freud (1917/2010) sobre o luto, ao afirmar que o autor não considera a vivência do luto “no horizonte de uma perda seca” (ALLOUCH, 2004, p.48). Para Gorer (1995, apud. ALLOUCH, 2004, p. 54), “o trabalho de luto é favorecido ou entravado e sua evolução facilitada ou tornada perigosa conforme a maneira como a sociedade em geral trata o enlutado [...]”. Sendo assim, não é possível falar de luto sem compreender as características da cultura na qual o sujeito está inserido.

1.1 Luto e sofrimento na sociedade contemporânea

Na sociedade contemporânea, ainda que não tenham deixado de existir condições como o luto patológico e a melancolia, é comum que haja um luto mal elaborado, que implica a ausência de simbolização da perda. Nesses casos, o luto é realizado na medida em que o

sujeito se torna capaz de investir libidinalmente em novos objetos. Entretanto, as fantasias que surgem diante da perda parecem ser deixadas de lado, reservadas ao inconsciente, sem que possam ser elaboradas ou representadas. O sujeito contemporâneo viu na negação da dor um caminho mais confortável para lidar com a finitude, com as perdas e com conteúdos desprazerosos.

De acordo com Birman (2004), a subjetividade atual não é capaz de conviver com o vazio, com a falta, precisando preenchê-la com drogas, psicotrópicos, comida, consumo e com a exagerada posse de bens. O psiquismo atua cada vez mais sem qualquer sinal de simbolização de seus atos, através de uma compulsão à repetição que pretende oferecer ao sujeito uma nova oportunidade de elaboração de seus traumas. Ademais, o mal-estar contemporâneo é marcado pela dor, e não mais pelo sofrimento; não há capacidade de transformação de um no outro. Isso se dá na medida em que o sofrimento é uma experiência que envolve a alteridade, o endereçamento da dor ao outro, o reconhecimento de que não somos autossuficientes, isto é, de que somos seres desamparados. Na cultura do narcisismo, não há espaço para insuficiências, para se reconhecer falho e dependente, sendo estes traços que caracterizam a experiência solitária da dor. Diante da ausência da falta “o desejo fica então à deriva” (BIRMAN, 2004, p. 193).

Tendo em vista a cultura na qual estamos inseridos, e sabendo que suas características dificultam qualquer representação ou simbolização de uma perda, faz-se relevante compreender como essa elaboração ocorre com pessoas que tiveram de enfrentar a morte do pai durante a infância. Perder um genitor talvez seja a vivência mais marcante que uma criança pode ter. Para Franco e Mazorra (2007), a morte de um dos pais implica a morte da ilusão narcísica da onipotência infantil, em um período que confere segurança à criança.

Qual seria a influência da faixa etária em que o sujeito se encontra, ao viver a perda, na maneira com que a morte será vivenciada? Talvez a diferença que a idade faz seja ainda mais percebida ao falarmos de crianças, já que ainda não são capazes de fazer uma diferenciação entre a distância espacial e temporal. Se uma mãe viaja, o adolescente, por exemplo, sabe que ela está longe, mas que há uma existência espacial. Embora a ausência da mãe seja sempre sentida, independentemente da idade, com o desenvolvimento psíquico, a ausência é colocada em relação dialética (isto é, simbólica) com a presença. No início da

nossa vida psíquica, no caso, para o bebê, em razão da gravidez imaginária em que ele se encontra, preso, a mãe ainda não é um significante (simbólico), mas uma imagem (imaginário). O advento do significante da mãe só se dá na medida em que a ausência da imagem se converte em presença do significante da ausência, significante que presentifica o objeto de desejo (a mãe) sob a forma de sua ausência. Portanto, a ausência da mãe se torna presente, a presença de sua ausência.

Se a criança não percebe a presença da mãe em seu ambiente, é como se ela não existisse e o filho se sente abandonado. Os pais são figuras extremamente significativas para a criança. Sendo assim, a ausência de um deles acaba por ser sentida concomitantemente a sentimentos de desconforto por esse abandono. Assim, entende-se que a criança não possui um senso que lhe permita compreender o que seria uma separação a longo prazo, uma de curto prazo ou uma definitiva, e isso pode fazer com que a sua compreensão da morte demore muito tempo para advir (AISENBERG; KASTENBAUM, 1983).

Além disso, na infância, é normal que a rotina da criança seja cíclica, isto é, a criança sabe que dorme e depois acorda, que o sol que se põe hoje é o mesmo que nasce amanhã. Essa rotina cíclica traz mais um fator de dificuldade para que seja compreendida uma separação definitiva, permanente. A experiência da morte não vai fazer sentido para a criança se a presença de quem se foi não tiver sido significativa para a criança (AISENBERG; KASTENBAUM, 1983).

Nota-se, a partir do exposto, a existência de uma dificuldade de compreensão da perda por parte da criança. Entretanto, de maneira mais abstrata, ela tem algum entendimento a partir dos recursos que possui para tanto (AISENBERG; KASTENBAUM, 1983).

Um exemplo muito interessante dado ainda por Aisenberg e Kastenbaum (1983), conta a história de David, que, aos 18 meses, começou a ter experiências com a morte ao ver um pássaro morto duas vezes. Na primeira, ficou apenas observando-o sem tocá-lo, mas sua expressão era de perplexidade. Já na segunda vez, o menino pegou o pássaro e ergueu os braços para uma árvore, como se assim fosse ajudar o passarinho a voar novamente. David repetiu o mesmo processo com as folhas que caíram da árvore, desejando colocá-las na árvore para que continuassem a viver.

O exemplo de David ilustra bem o fato de a criança ser capaz de ter uma mínima compreensão sobre a morte. O menino, ao ver o passarinho no chão, provavelmente percebeu que aquele pássaro não estava voando ou fazendo barulho como todos os outros que ele já havia visto; algo de diferente tinha acontecido com ele. Entretanto, por mais que haja um entendimento daquela morte, o menino acredita que, ao colocar o pássaro na árvore, ele voltará a viver, assim como a folha. Isso mostra que os recursos psíquicos dos quais a criança dispõe não lhe permitem entender que a morte é o fim, que aquela pessoa (ou animal) não vai mais voltar (AISENBERG; KASTENBAUM, 1983).

1.2 O sentimento de infamiliaridade *Mais Além do princípio do prazer*

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/2010) relata sobre sua observação das brincadeiras de seu neto de um ano e meio, muito comportado, que não chorava quando a mãe se ausentava, mesmo que muito apegado a ela. O garoto demonstrava satisfação ao jogar um carretel para dentro do berço, segurando-o por um cordão, e gritar um longo o-o-o-o (interpretado pela mãe como “*fort*”, “foi embora”). Posteriormente, puxava o cordão de volta para perto dele e falava um alegre “*da*”, isto é, está aqui. O menino encenava a ausência da mãe, de modo a poder controlar o seu agradável aparecimento, e, conseqüentemente, sua desagradável desaparecimento. Diante disso, é possível imaginar o sofrimento de uma criança que presencia apenas a ausência de um de seus genitores, e não mais a felicidade do aparecimento.

A indistinção entre o eu e o outro pode fazer com que a criança, diante da morte de um dos pais, sinta que perdeu uma parte de si. Por outro lado, ainda não consegue elaborar a perda do objeto amado. Tendo em vista que na infância não há a mesma capacidade para simbolizar uma perda como na vida adulta, o luto será elaborado ao longo de toda a vida, parecendo estar mais bem resolvido em alguns momentos, e, menos, em outros. Desejos, interesses e conflitos da vida adulta podem reativar, mais intensamente, a dor da perda. É importante ressaltar que essas não são características de um luto patológico, mas apenas da elaboração de um trauma que precisa ser resolvido na medida em que a criança cresce (FRANCO; MAZORRA, 2007). Neste sentido, a tentativa de familiares ou cuidadores de ajudar a criança a simbolizar o ocorrido pode encontrar uma série de impasses:

O que se vai mostrar à criança como sendo o que ela perdeu? Um cadáver? Mas não, não foi isso o que ela perdeu! Uma foto do morto? Mas a foto está bem ali! O amor? O ódio? O desprezo? Mas de quem seriam as palavras que diriam esse amor, esse ódio, esse desprezo? De mais a mais, a criança perdeu um amante ou um amado, um odiante ou um odiado, um desprezante ou um desprezado? E sobretudo: que sabemos disso? Pois o ponto aí está: cremos saber o que a criança perdeu, em todo caso o pretendemos, e essa pretensão, além de causar um curto-circuito no que lhe cabe dizer, continua a ser, de uma ponta a outra, abusiva (ALLOUCH, 2004, p. 47).

Com isso, um adulto pode saber, de forma objetiva, quem a criança perdeu. Entretanto, o que Allouch (2004) enfatiza é que isso jamais significará um entendimento sobre a parte da criança que foi perdida junto, ou sobre o lugar em que a pessoa que morreu a colocava, este que ela não poderá mais ocupar. O adulto cuidador fica, dessa forma, em uma posição muito delicada, na medida em que precisa se atentar para não violentar a subjetividade da criança a partir de nenhum dos extremos: de um lado, o silêncio ensurdecedor que impede a elaboração gradual do luto; e, do outro, a tentativa de simbolizar a perda a partir de crenças, pressuposições e sentimentos que podem em nada ter relação com os daquela criança. Isto é, tentar fazer o trabalho de luto “pela” criança, em seu lugar. Sobre a importância de não partirmos para o extremo do silenciamento em relação à morte, Henderson (2017) considera que:

É só através da afirmação da vida na morte, do humano no inumano, do espírito no corpo, que se fará presente a dimensão renovada de uma experiência pessoal, uma memória, uma experiência de não-esquecimento, que pretende resgatar a voz dos mortos, fazer com que o inumano fale, e com a mesma força do humano. (p. 4)

Uma vez expostos os mecanismos psíquicos envolvidos no processo do luto e da melancolia, faz-se importante agora compreender a dimensão estética dessa experiência. Aqui, a estética não diz respeito ao belo, mas faz referência ao termo grego *aisthesis*, que tem a ver com a sensibilidade, com a maneira com que o sujeito percebe e é afetado pelo mundo e pela realidade, isto que Heidegger (1962) chamava de "experiência vivida" (*Das Erleben*) (p. 90). Pretendemos discutir, através do conceito freudiano de ‘infamiliar’ (*Das Unheimliche*), como o luto pode se expressar na experiência sensível do indivíduo, ou seja, no nível dos sentimentos e da sensibilidade (FREUD, 1919/2019).

Com o conceito de infamiliar², Freud (1919/2019) vai muito além da relação explícita com o que é aterrorizante ou que leva o sujeito à angústia e ao horror. Para a compreensão deste termo, é essencial que sejamos capazes de distingui-lo da ideia de desconhecido. Ao contrário, Freud não atrela o infamiliar exclusivamente ao novo ou ao estranho, mas o compreende como um antigo conhecido, estranhamente íntimo ao sujeito. Mesmo que o infamiliar carregue essa noção de doméstico, de algo que é familiar há muito tempo, o prefixo “in-” é responsável por sinalizar o recalçamento. Ou seja, a sensação de infamiliar advém justamente do contato do sujeito com um conteúdo recalçado e que assim deveria permanecer, não podendo advir à consciência.

O autor considera que a morte está ligada ao mais elevado grau do infamiliar. É curioso notar que os pensamentos e sentimentos mais primitivos do ser humano estão ligados à morte, como se nesse quesito não fosse possível haver grande evolução. A morte sempre foi a grande certeza da existência, talvez a única, mas isso é pouquíssimo esclarecido, já que não há conhecimento científico que confira às crenças qualquer tipo de respaldo. Não há conhecimento intelectual capaz de colocar os indivíduos em diferentes posições de entendimento em relação à morte (FREUD, 1919/2019). Além disso, assim como antes, a própria morte segue não podendo ser representada no inconsciente, de forma que mesmo que tentemos imaginá-la, nos perceberemos meros observadores (FREUD, 1915/2010); (FREUD, 1919/2019).

Ao conservar esse medo da morte, que é primitivo, as sociedades animistas tinham o receio de que o morto passasse a ser inimigo dos sobreviventes, com o objetivo de trazê-lo para perto e de garantir um companheiro para a outra existência. Com o processo civilizatório, isto é, com o advento da ciência e das produções culturais, essa ideia foi recalçada. Passou-se a ter medo da morte, e não dos mortos, de forma que os sobreviventes desenvolvessem uma piedade em relação a quem morreu. Talvez por não podermos representar a morte no inconsciente, tenha havido tanta necessidade de, através das crenças religiosas, acabar com a finitude, prolongando a existência para além do fim da vida física. Entretanto, mesmo com a nova representação da morte, ainda há uma concepção primitiva

² O conceito freudiano de *Das Unheimliche* recebeu diferentes traduções a depender da editora (Estranho, na Edição Standard; Inquietante, na Edição da Cia das Letras). A escolha pela tradução "Infamiliar" (Edição da Autêntica) se deu em razão de que ela remete à noção de familiaridade, evocando, portanto, a ideia de família, central no caso aqui analisado, o da experiência da perda do pai na infância.

recalcada. A sensação de infamiliaridade causada por um evento advém justamente do retorno de um conteúdo recalcado, e, portanto, já antes conhecido pelo sujeito (FREUD, 1919/2019). Isso pode nos ajudar a compreender o porquê de a vivência do luto ser sentida pelo sujeito como algo tão íntimo e singular, mas, ao mesmo tempo, tão estranho, tão difícil de reconhecer como pertencente a sua história. Nota-se aí a dimensão do par infamiliar-familiar, ou seja, de algo que é muito próximo, mas muito distante.

O sentimento de infamiliar se apresenta, também, através do duplo. A representação do duplo surge com o narcisismo primário, na origem da vida psíquica. Neste momento, quando o bebê se olha no espelho, por exemplo, não há unidade, ou seja, a imagem do espelho é reconhecida como outra e não como o próprio reflexo. Para o bebê, perceber a duplicidade, a existência de um idêntico a ele, funciona como uma garantia contra a morte, como forma de encontrar um amparo que a realidade não propicia. Entretanto, com a superação dessa fase e com o reconhecimento da imagem do espelho, o duplo se torna um prenúncio da morte, algo aterrorizante (FREUD, 1919/2019). Sobre o duplo e suas manifestações, Freud diz:

(...) o aparecimento de pessoas que, por causa da mesma aparência, devem ser consideradas como idênticas; o incremento dessas relações por meio da transmissão dos processos psíquicos de uma dessas pessoas para a outra – o que deveríamos chamar de telepatia –, de tal modo que uma se apropria do conhecimento, do sentimento e das vivências da outra; a identificação com uma outra pessoa, de modo que esta perde o domínio de seu Eu ou transporta o Eu alheio para o lugar do seu próprio, ou seja, duplicação do Eu, divisão do Eu, confusão do Eu – e, enfim, o eterno retorno do mesmo, a repetição dos mesmos traços fisionômicos, o mesmo caráter, o mesmo destino, os mesmos atos criminosos, o nome por meio de muitas e sucessivas gerações (FREUD, 1919/2019, p. 69).

A partir do momento em que o sujeito percebe o seu corpo como imagem unificada, o duplo é recalcado para o inconsciente. Essa ideia nos faz entender o porquê do aparecimento da sensação de infamiliaridade no reencontro com este idêntico. O duplo serve como um alerta de que o sujeito não é completamente igual a si mesmo e nem tão diferente de quem ele considera como estranho (FREUD 1919/2019). Ademais, este trecho também nos permite perceber a relação do duplo e do infamiliar com a compulsão à repetição.

É comum que uma situação que se repete de forma involuntária na vida de alguém seja atrelada à ideia de coincidência, de destino, de acaso. Essas ideias costumam vir acompanhadas do sentimento de infamiliar e de desamparo, de impotência diante de um fato

“inescapável”. A ideia de infamiliar aqui remete mais uma vez ao inconsciente anímico infantil, já que nele é possível perceber uma contínua compulsão à repetição que ocorre sob o comando de pulsões fortes o suficiente para ultrapassarem o princípio do prazer. Como já vimos, há no psiquismo uma tendência a repetir experiências que não foram elaboradas. Para a psicanálise, o recalçamento converte todo afeto em angústia. Assim, o infamiliar seria o angustiante, na medida em que se configura como o recalçado que retornou (FREUD, 1919/2019).

Neste capítulo apresentamos as perspectivas psicanalíticas acerca do luto. Mesmo que Freud tenha discutido pouco sobre essa temática em suas obras, outros conceitos abordados por ele nos ajudam a compreender os desdobramentos dessa experiência. Assim, estabelecemos relações teóricas entre o luto e a pulsão de morte, o trauma, a compulsão à repetição, a melancolia e o sentimento de infamiliaridade. Após apresentar e discutir esses conceitos, tomaremos apoio neles para analisar o discurso dos participantes da pesquisa, a fim de melhor compreender as implicações e os desdobramentos das suas respectivas vivências do luto.

MÉTODO

O desenvolvimento deste estudo se deu a partir da investigação psicanalítica do discurso de sujeitos que perderam o pai na infância. O interesse em analisar a elaboração do luto dessas pessoas já adultas, e não de crianças, se dá justamente a partir da concepção da temporalidade *a posteriori* do trauma (RUDGE, 2009). Esse ponto de vista nos permite entender que a representação da perda ocorrerá principalmente no decorrer da vida, na medida em que há sempre uma ligação entre passado e presente que implica uma atualização de significados pré-estabelecidos.

Para isso, utilizamos como estratégia metodológica as contribuições teórico-clínicas da psicanálise articuladas ao método de investigação proposto pela "análise psicanalítica de discurso" (DUNKER, PAULÓN e MÍLAN-RAMOS, 2016). A articulação de ambos se fundamenta na ideia de que "existe uma prática de análise do discurso já contida no método psicanalítico" (DUNKER, et.al., 2016, p. 7). Freud não se restringiu a definir a psicanálise como "método de tratamento", considerando-a também como "método de investigação". Apesar dessa separação conceitual, tais métodos não são excludentes, tendo em vista que os princípios da psicanálise utilizados na clínica estão envolvidos também na investigação (DUNKER, et.al., 2016).

Neste sentido, faz-se importante dizer que "a linguagem é, em si mesma, um dispositivo transformativo, do mundo e do sujeito" (DUNKER, et.al., 2016, p. 8). A psicanálise, principalmente a partir de Lacan, tem como base o entendimento do funcionamento do inconsciente a partir da linguagem, o que Lacan sintetizou em: *O inconsciente se estrutura como uma linguagem* (DUNKER, et.al., 2016). Já o discurso fica responsável por conferir sentido a um texto, sendo que através dele é possível entender a relação entre uma narrativa e o contexto sócio-histórico onde foi produzida (GREGOLIN, 1995). Dunker et.al. (2016) apontam, também, para a dimensão social do discurso, o que nos impede de reduzi-lo a uma simples soma de falas de uma pessoa.

A análise de discursos nos permite entender a relação entre a língua e a sociedade. Tendo em vista que a ideologia é "um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade" (GREGOLIN, 1995, p. 17), Michel Pêcheux,

fundador da Escola Francesa da Análise de Discurso, considera que esta possui grande impacto na linguagem, na medida em que é permeada por representações. A relação entre ideologia e linguagem ocorreria, portanto, através do discurso, de modo que sua análise tenha como objetivo “explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 2005, p. 10).

Diante do exposto, Pêcheux considera não haver um sentido literal para as palavras, de modo que uma palavra se configure sempre a partir de uma outra, de um “lugar histórico provisório” (ORLANDI, 2005, p. 11). Ao formular um enunciado estamos sujeitos às falhas da língua, já que este é sempre passível de transformar-se em outro ao passar por uma mudança em relação ao sentido do discurso. O significado das palavras é dado em articulação com sua exterioridade, de forma que estas não possuam um sentido isolado. A linguagem é, portanto, marcada por ambiguidades, por um saber discursivo que se expressa pela via da ideologia e do inconsciente (ORLANDI, 2005). Sendo assim, um discurso não é completamente compreendido por quem fala e nem por quem ouve, já que abrange “equívocos, opacidades, deslocamentos, derivas, e não-sentidos” (LAGOAS, 2017, p. 22).

O trabalho na psicanálise acontece na medida em que o sujeito é incluído em sua experiência através de seu inconsciente. Tendo em vista a impossibilidade de generalizar um saber tão singular como o do inconsciente, faz-se necessário que o analista ou o pesquisador considerem cada história narrada por um sujeito como única. Isto é, não há saber adquirido pelo analista/pesquisador que seja capaz de captar o saber do inconsciente (ELIA, 2000).

Na pesquisa, a relação transferencial entre pesquisador e seu interlocutor é parte fundamental da constituição do campo observacional. Falar em transferência nesta relação implica dizer que o observador também faz parte dos fenômenos que aparecerão na entrevista. O pesquisador não vai buscar dados ou um saber prévio inerentes ao entrevistado. Ao contrário, vai trabalhar com um saber que é suposto e com a expressão do que ‘não se sabe’ através de formações inconscientes. Enquanto na clínica o analista ocupa um lugar de ‘suposto saber’, na medida em que o analisando acredita que está falando para alguém que sabe sobre ele, na pesquisa o processo se inverte. Nela, o pesquisador vê o entrevistado como alguém que possui um ‘suposto saber’ sobre sua experiência. Por isso, é importante que o

pesquisador não seja específico em sua demanda, permitindo que o entrevistado construa suas questões na relação transferencial, sem cobranças anteriores (ROSA; DOMINGUES, 2010).

2.1 Procedimento de construção do material

Inicialmente, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética do UniCEUB. Após aprovação, foi realizado o recrutamento dos participantes através de convite divulgado em redes sociais. Participaram desta pesquisa duas pessoas, maiores de 18 anos, um homem e uma mulher, que perderam o pai na infância.

Após aceitação dos participantes em fazer parte da pesquisa, solicitou-se a assinatura do TCLE (Anexo A). Em seguida, foi agendada uma entrevista virtual via Google Meet. A entrevista foi realizada a partir de um roteiro de perguntas semi-estruturadas (Anexo B), que permitiram que o participante falasse sobre o luto vivenciado, suas posições subjetivas nesse processo sobre os impactos dessa perda em sua experiência atual. As entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos participantes, e posteriormente transcritas.

2.2 Procedimentos de análise

Para a análise do material, foram adotados os seguintes procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas dos participantes no discurso; (ii) localizar os pontos de interrupção da fala, os esquecimentos, as repetições, as paráfrases, metáforas e metonímias; (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (iv) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas dos entrevistados; (v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes.

CAPÍTULO II - “SE MEU PAI ESTIVESSE VIVO, EU SERIA UMA OUTRA PESSOA”

A pesquisa contou com a participação de duas pessoas que perderam o pai na infância. Foi realizada uma entrevista com os participantes, através de uma videoconferência, visando explorar questões relativas à perda vivenciada por eles, ao processo de luto e suas implicações subjetivas.

O primeiro participante foi Thomas (nome fictício), de 24 anos, que tem a dança como o seu principal trabalho, sendo algo que faz muito sentido em sua vida. Seu pai foi vítima de um assassinato quando ele contava apenas dez meses. Na época, sua mãe tinha 19 anos e precisou trabalhar muito para garantir a alimentação dele e de sua irmã. Com isso, Thomas diz ter vivido uma infância em “vulnerabilidade social”, já que não tinha uma pessoa que o amparasse ou que o pudesse aconselhar, “dizer o que era certo e o que era errado”. Hoje, Thomas participa de projetos sociais para ensinar a dança a crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Isso é um fator importante em sua vida, já que assim ele acredita que pode oferecer a essas crianças o que ele não recebeu.

A outra entrevista foi realizada com Júlia (nome fictício), de 28 anos, que trabalha com a sua imagem, através do instagram, onde já conseguiu contrato com grandes marcas. Quando tinha 10 anos, perdeu o pai, que, assim como o de Thomas, foi assassinado³. Os pais de Júlia já estavam separados antes da morte do pai e seu pai estava morando em outra cidade, onde viu melhores oportunidades de trabalho. Com isso, o contato entre eles já havia sido diminuído. Júlia acredita que esse fator talvez tenha feito com que ela não vivesse um período de muito sofrimento na infância por consequência da perda. Por outro lado, passou a incomodar-se muito com o discurso de sua mãe, que falava para Júlia que, além de não pagar a pensão, o pai ainda tinha deixado a filha. Júlia, aos 11 anos de idade, não conseguia aceitar que a mãe falasse mal do pai sem que ele estivesse vivo para se defender e, com isso, acabou indo morar com os avós, momento em que a mãe considerou não ter mais responsabilidade alguma sobre a filha. Em seu relato, ela diz que seus avós nunca deixaram faltar nada financeiramente, mas que sentiu falta de receber afeto, o que mostra também uma carência de apoio e amparo em seu desenvolvimento.

³ O fato de as duas perdas terem ocorrido em razão de um crime, de um assassinato, foi uma mera coincidência. Ao levar em conta essa coincidência, não pretendemos generalizar as considerações acerca dos casos, mas, sim, compreendê-los no nível da singularidade dos sujeitos que vivenciaram as experiências de perda e de luto.

Sobre a elaboração do luto, Thomas diz:

Por muito tempo na minha infância, eu não vivi de fato o luto. Tipo assim, eu sentia falta de ter um pai, eu sabia o que tinha acontecido com ele, mas não vivia de fato aquele luto da tristeza e tal. Acho que eu fui viver isso na minha adolescência, que foi quando eu comecei a amadurecer e entender que várias coisas que aconteciam na minha vida e na vida da minha família, foi [sic] reflexo dessa situação, da perda dele.

Já Júlia relata:

Como eu era criança, eu não lembro direito se eu tive esse processo de luto (...). Eu tenho pouquíssimas lembranças de antes, de quando eu era mais nova. Com ele né, eu falo. E então, assim, eu não sei se eu tive esse processo nova, sabe? Eu fui entender um pouco mais sobre essa falta de pai, essa percepção, esse luto, na verdade, quando eu percebi que eu precisava me resolver em relação a isso para eu conseguir ter acesso a Deus, sabe?

Percebe-se nestes trechos que uma criança que perde o pai muito nova, provavelmente terá dificuldades para simbolizar a perda no momento em que ela ocorre. Sendo assim, isso mostra que o luto é elaborado no decorrer da vida, em diversos momentos, de forma que situações específicas da vida do sujeito possam enfatizar a dor da perda, permitindo que as consequências dela sejam revisitadas e, talvez, reelaboradas (FRANCO; MAZORRA, 2007).

Ainda sobre o olhar para a perda a partir de diferentes perspectivas ao longo da vida, Thomas relata:

Eu tive dois momentos bem importantes para amadurecer essa falta dele (...). Aí teve essa época da minha adolescência que foi bem ruim e teve também um outro momento da minha vida, que eu tinha uns 18 anos, que eu tentei lidar com esse luto de uma forma mais saudável.

A partir de seu relato, é interessante notar a temporalidade *a posteriori* do trauma, isto é, a ligação entre passado e presente que permite constantes transformações de significados que já estavam estabelecidos. Revisitar o trauma é, também, rever “ideias, desejos e interesses” (RUDGE, 2009, p. 19).

Em relação à época em que Thomas considera que viveu o luto de uma forma “menos saudável”, ele diz:

Comecei a me envolver com álcool, drogas, coisas assim. E, tipo, eu sei que na época era muito por essa falta mesmo. Foi na época que eu comecei a perceber tudo que tinha acontecido na minha vida, isso foi vindo mais como um trauma e eu fui suprindo com coisas que não fazem mais sentido para mim hoje. Então, foi uma época bem imatura minha, mas talvez se eu não tivesse passado por isso, eu não fosse o que eu sou.

Júlia já tentou lidar com esse vazio de outra forma:

Acho que o maior problema que eu tive em relação à perda do meu pai foi em relação a relacionamentos, eu me envolvi muito com várias pessoas

Ambos os trechos mostram o que Birman (2004) discute, isto é, a dificuldade da subjetividade contemporânea em lidar com o vazio da falta, de forma a buscar ocupá-lo de alguma forma, seja com drogas, psicotrópicos, comidas, consumo ou com a exagerada posse de bens. No caso de Thomas, ele é capaz de reconhecer que o consumo de álcool e drogas teve exatamente essa função naquele momento. Apesar de Júlia não ter recorrido a coisas materiais para ocupar seu vazio, ela atribui a constante necessidade de estar em um relacionamento à falta de seu pai.

Além disso, quando Thomas fala “(...) mas talvez, se eu não tivesse passado por isso, eu não fosse o que eu sou”, percebemos a importância de acolher a dor intensa e a desorganização, a fim de encontrar a satisfação como resultado posterior (WINOGRAD, 2018). Aqui, precisamos nos recordar do alerta feito por Paim (2010), de não considerar a pulsão de morte como a vilã dos processos psicopatológicos. Ao viver essa dimensão da destrutividade voltada para si mesmo, Thomas relata que:

Uns dois anos depois disso eu conheci a dança e a cultura. E isso chegou mesmo para mudar a minha vida. Me trouxe muito autoconhecimento, transformou toda aquela dor em um impulso, de fazer pelas pessoas que viveram coisas assim como eu.

Isso mostra a busca incessante do psiquismo por “processamento” (WINOGRAD, 2018, p. 239), permitindo que o sujeito transforme as dificuldades enfrentadas ao lidar com a dor em potência de subjetivação. Assim, em razão de sua dimensão destruturante, o evento traumático faz com que o sujeito se depare com o irrepresentável deste acontecimento e, a partir daí, constitua a sua singularidade (WINOGRAD, 2018).

Quando Júlia fala sobre o impacto da morte de seu pai sobre os seus relacionamentos, é possível perceber que, mesmo que ela tenha consciência dessa repetição, ainda não conseguiu dela se livrar. Ela fala que:

Ao invés de eu buscar uma pessoa para me complementar, eu buscava uma pessoa que pudesse me trazer essa paternidade, sabe, que cuidasse de mim. Eu ainda busco, isso é o mais bizarro.

Assim como Júlia, nota-se que, apesar de Thomas ter visto a dança como um fator motivador, como algo que permitiu que ele construísse novas significações para a dor da perda, a partir de um novo olhar para o fato de ter perdido o pai, ainda há questões não elaboradas relativas a esse trauma. Thomas diz que:

Mais uma coisa é que eu sinto um “karma” de perdas para tudo na minha vida. Às vezes eu compro uma coisa, passa um tempo e eu perco ela, mesmo cuidando muito bem. Eu sinto que é algo espiritual que eu preciso entender, pra liberar isso da minha vida. Essa sensação de perda. E com pessoas, perdi meu pai, nunca consegui ter amigos fixos e recentemente me afastei de um amigo muito próximo, que eu considerava ele como irmão, que seria o tio dos meus filhos. A vida nos afastou e de um jeito que não foi tão bom.

A palavra "karma", utilizada por ele neste trecho, nos remete também a uma lógica compulsiva. A repetição dessas situações de perda ocorre diante da incompreensão de conteúdos recalçados que retornam, mas que ainda não estão prontos para serem elaborados pelo sujeito. Thomas revive a experiência da perda na relação com os objetos, como se ele tentasse, inconscientemente, repetir a experiência, para, dessa vez, dela se defender. Em seu relato, ele percebe o “karma” como algo espiritual, e, justamente por isso, esse “karma” se apresenta como enigmático, como incompreensível. Já o termo “espiritual” nomeia esse enigma, que, em psicanálise, chamamos de “sintoma”. Assim, há um caráter sintomático nessas perdas, que se alastram para outros campos de sua vida.

Como vimos anteriormente, em *Recordar, Repetir e Elaborar*, Freud (1914/2010) diz que, diante de um recalçado que insiste em retornar e da impossibilidade de admiti-lo na consciência, o sujeito repete e atua esse conteúdo, que não foi passível de ser elaborado através da simbolização. Diante do enigma que advém da crença de cunho espiritual, Thomas percebe que há algo ali que ele precisa compreender e elaborar para se libertar de tal repetição. Isso pode ser visto quando ele fala:

Acho que o assassinato dele, exclusivamente, acarretou tudo isso na minha vida. Foi de uma forma muito traumática e levou trauma para toda a família. Se eu não cortar isso agora, muito provavelmente eu vou levar isso para os meus filhos. E eu não quero isso.

Quando Thomas identifica a ausência de amigos fixos em sua vida, em outra parte de seu relato, é possível observar, também, que ele vivenciou o seu trauma sozinho, sem que compartilhasse o que estava sentindo com outras pessoas. Ele relata que:

Eu vivia muito sozinho também, eu não via pessoas para desabafar. Foi nessa época que minha mãe estava passando por uns processos bem loucos. Eu sempre fui muito

na minha, nunca fui de conversar muito com ela, desabafar com ela, nada. Às vezes eu vivia meus problemas quieto, na minha. Enfim, essa época foi bem complicada por conta de eu não ter uma relação muito próxima com ela e nem com ninguém. Eu tinha que viver sozinho as coisas.

Em relação à forma de lidar com o trauma, é possível encontrar semelhanças no relato de Júlia quando ela diz:

Eu, Júlia, falando por mim mesma, fiquei uma pessoa muito fria, uma pessoa muito independente e, tipo assim, meio que criei uma barreira mesmo.

A partir dessas falas, nota-se, claramente, o que Birman (2004) fala sobre o mal-estar contemporâneo, que é marcado pela dor, e não pelo sofrimento. O autor considera que, para que uma dor possa ser transformada em sofrimento, faz-se necessário abrir-se à alteridade, à presença de um outro a quem a dor possa ser endereçada, de forma que sejamos capazes de reconhecer que somos mutuamente desamparados, faltantes e dependentes. Assim, considera-se que Thomas e Júlia vivem o trauma a partir da dimensão solitária da dor, já que nunca puderam contar com o amparo de um outro para a vivência do real sofrimento. Essa ideia pode ser complementada, ainda, quando Thomas fala:

Eu tenho muito isso de não querer descarregar um peso sobre as pessoas. Às vezes ela [a mãe] fala e se sente aliviada e eu sinto como um fardo que eu tenho que carregar.

E quando Júlia diz:

É louco porque realmente eu acho que eu me blindei de uma forma tão grande, que era indiferente o que as pessoas achavam ou não.

Isso nos mostra a crença de ambos quanto à necessidade de serem autossuficientes em relação à dor. Essa forma de pensar, talvez tenha sido reforçada, em suas histórias de vida, pela postura independente que precisaram assumir. No entanto, a independência da qual Júlia fala não se refere a uma emancipação, mas a um isolamento do mundo; como sabemos, uma das características dos processos melancólicos. Quando ela diz que se blindou do mundo, e que a opinião das pessoas era indiferente para ela, nota-se o movimento de retorno da libido sobre o próprio Eu, na medida em que ela está impossibilitada de ser investida em um novo objeto. Com a libido inteiramente voltada para o Eu, a relação com o mundo externo torna-se cada vez mais distante. Assim, ao falar, ainda, que transformou-se em uma “pessoa fria”, ela está se referindo ao seu contato com a realidade, já que todo o investimento libidinal foi canalizado pela ferida narcísica, isto é, pela ferida aberta por onde escoia toda a energia

psíquica do sujeito. Essa ferida leva a um esvaziamento do Eu, um empobrecimento simbólico, que dificulta a capacidade de interpretação da realidade (FREUD, 1917/2010).

Como dito na apresentação, Júlia saiu da casa de sua mãe aos 10 anos. Elas tinham diversos desentendimentos devido às críticas que a mãe fazia do pai, o que era visto por Júlia como uma injustiça, já que ele não tinha o direito de se defender. Por essa razão, foi morar com os avós. Esse incômodo de Júlia diante de tais críticas aponta para uma identificação com o seu pai. Sobre esse acontecimento, ela diz:

Meus avós sempre foram muito presentes, mas ausentes. Presentes, eu digo assim né, na parte financeira da coisa, na parte de não deixar faltar nada. Mas na parte de afeto, de estar ali, eu não tive.

Eu não tive nenhuma assistência da família do meu pai. Então, isso me deixou mais forte, eu sabia que precisava me virar, porque ninguém ia trazer nada para mim, ninguém ia perguntar nem como eu tava, se eu tivesse precisando de uma calcinha ninguém ia perguntar.

Thomas menciona, também, em diversos momentos da entrevista, sobre o desamparo que viveu em sua infância e adolescência.

Eu entendo que eu fui uma criança e um jovem em vulnerabilidade social.

A convivência com a família nuclear na constituição subjetiva ocupa um lugar muito importante, já que viabiliza o crescimento, o desenvolvimento, e é fonte de amparo. Grigorieff e Nuske (2015) falam sobre a relevância de que os pais intercalem momentos de ausência e de presença com a criança, para que ela compreenda como se dá a constância da família nuclear. Por outro lado, quando a morte de um dos pais torna a ausência irreversível, a criança, possivelmente, terá de enfrentar sentimentos de desamparo e impotência.

Júlia relata que realizou psicoterapia em diferentes momentos da vida e que hoje se identifica muito com a constelação familiar, o que permitiu que ela compreendesse alguns pontos sobre a sua relação com a sua mãe após a morte de seu pai. Segundo ela:

Na morte do meu pai, depois que ele faleceu, minha mãe morreu junto com meu pai, em partes. Inconscientemente morreu uma parte dela. E aí a minha mãe por ter morrido, eu me senti abandonada. Eu já estava abandonada pelo meu pai, me senti abandonada pela minha mãe, então eu meio que fiquei reclusa e guardei isso para a minha vida

Em relação a Thomas, compreendemos que, além de ele ter se defrontado com o desamparo decorrente da perda do pai, o aumento das horas de trabalho de sua mãe fizeram

com que tivesse que viver grandes momentos da ausência de ambos, o que aumentou o seu sentimento de desamparo.

Ao contar sobre a vulnerabilidade que viveu, Thomas conta que resolveu dar aulas de dança, dentro de um projeto de uma ONG, para crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Apesar de sentir-se muito bem fazendo isso, começou a incomodar-se com certas cobranças da organização que não estavam em consonância com a sua forma de pensar. Ao trazer esse assunto, diz:

Como era associado com muitas instituições, a gente tinha que fazer muitas apresentações. E também tínhamos que fazer as coreografias dos próprios eventos, só que às vezes as crianças não queriam dançar coreografias. Muitas crianças falavam “o que me mantém aqui é o hip hop”. Só que eles iam para outras oficinas, se sentiam mal lá e a primeira coisa que o pessoal queria fazer era tirar aquela criança do hip hop. Só que a única coisa que estava mantendo ela lá era o hip hop. Aí como você vai tirar da criança a única coisa que mantém ela fora da rua. Aí é isso, sabe, esse Thomas [ato falho], diálogo, faltava muito.

O ato falho cometido sinaliza que havia ali algo além da falta de diálogo, apontando para a necessidade de investigar o que faltava em Thomas. Ao colocar seu próprio nome como metáfora de "diálogo", Thomas se colocou como faltante. Para além de algo que faltava em Thomas, havia um Thomas que faltava em algum lugar. Podemos dizer que, em sua fantasia, é ele o objeto que falta ao outro. Para ele, o diálogo cumpre o papel de deixar a criança “fora da rua”, uma vez que assegura que esteja amparada pelo outro. A partir do trecho acima, é possível considerar que a “instituição” representa esse amparo recebido pelo outro. Através do ato falho, Thomas se coloca como objeto que falta ao outro para ser “completo”, ou seja, objeto do desejo do outro. Considerando a sua fala de que foi um “jovem em vulnerabilidade social”, torna-se perceptível que, ao denunciar a situação vivenciada pelos seus alunos (de serem excluídos do “*hip hop*”), Thomas está denunciando sua própria situação de abandono.

Diante do questionamento sobre o que faltava em si, responde:

Eu acho que faltava muita coisa. O que me faltou muito na minha infância foi direcionamento, de ter uma pessoa que me direcionasse, que me corrigisse de forma certa quando eu estivesse errado. Minha mãe tinha que trabalhar muito. Então, eu ficava cuidando dos meus irmãos. Eu tive que fazer esse papel de direcionador muito cedo, por conta dos meus irmãos que eram mais novos.

É interessante notar que embora o episódio que ele estava narrando tenha acontecido já na vida adulta, ao ser perguntado sobre a falta, denunciada pelo ato falho, ele volta a falar sobre a infância. Isso evidencia o fato de que o trauma não pertence ao passado, mas ao presente. Concerne a um passado que não passou, isto é, que se mantém presente. Nota-se explicitamente no discurso de Thomas o lamento por não ter tido um pai que pudesse fornecer um direcionamento para ele. Mas, afinal, o que está em jogo com esse pedido de direcionamento? Como essa fala se articula com uma determinada demanda subjetiva?

3.1 A função paterna e suas expressões no processo de luto

A questão da paternidade é uma das mais importantes na história da teoria psicanalítica. Freud sempre buscou questionar de forma muito incisiva “Qual é o papel do pai na estruturação do psiquismo?”. Então, no decorrer de suas obras, esse tema aparece em vários momentos, como no Complexo de Édipo e no livro *Totem e Tabu*, no qual ele tenta explicar o surgimento da sociedade a partir da relação com o Totem, isto é, com o pai. Sendo assim, para a psicanálise, o lugar do pai é fundamental para que possamos compreender os modos de constituição do psiquismo.

Durante a entrevista com Thomas, esse lugar do pai pôde ser claramente percebido em alguns sonhos que ele costuma ter:

Eu sonho como se tivesse uma voz, que eu não consigo atrelar a outra pessoa. (...) Eu tenho muitos sonhos e ouço vozes que falam muito profundamente em mim, a ponto de eu sentir a emoção.

Já sonhei também que eu estava no espaço e vinha uma bola de energia falar comigo com essa mesma voz, que é muito específica e que eu não consigo identificar essa voz. E é sempre a mesma voz, que eu nunca ouvi de ninguém. Já sonhei com ele [o pai] e ouvi essa voz dele. (...) Eu só sei que sonho, ouço a voz e são vozes que ... (estala os dedos e chora) ... E são sempre mensagens muito específicas. Mensagens de força, de encorajamento, de coisas que podem ser comuns, mas que para mim são significantes. Pode ser coisa da minha cabeça, mas são coisas que acontecem. (Chora)... São mensagens que me trazem muito autoconhecimento. (...) Quando eu acordo depois desses sonhos, eu passo o dia muito reflexivo, com aquela emoção.

Quando Thomas diz que, nos sonhos, as vozes transmitem a ele mensagens de força e encorajamento, podemos notar que elas funcionam justamente como um amparo, como uma forma de preencher a falta de uma pessoa que o corrija "de forma certa quando eu estiver errado". Assim, Thomas mostra estar constantemente clamando pela voz do pai,

reivindicando uma palavra vinda de um Outro⁴, uma voz que seja capaz de organizar minimamente a sua realidade psíquica.

De acordo com Cordeiro e Bastos (2011), Lacan fala sobre um imperativo de gozo⁵ como algo que impele o sujeito à busca de uma satisfação *mais além do princípio do prazer*. Faz parte desse imperativo o objeto vocal, visto que a voz é responsável por inserir um "a mais", por incluir um conteúdo além do que as palavras são capazes de expressar. Na história da teoria psicanalítica, o supereu vai deixando de ocupar apenas o lugar de renúncia pulsional e vai ocupando também a posição de imperativo de gozo. Assim, ele passa a transmitir uma lei que, simultaneamente, proíbe o gozo e o estimula através da culpa.

Ao falarmos da inserção do sujeito na linguagem, faz-se relevante considerar a perda do gozo, na medida em que a lei estabelece um limite que não deve ser ultrapassado. Dessa forma, o supereu vai atuar com o objetivo de fazer com que o limite da lei seja transgredido, como se dissesse ao sujeito: “é impossível, mas mesmo assim: goze!” (CORDEIRO; BASTOS, 2011, p. 441).

Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud (1930/2010) considera que a renúncia à agressividade e destrutividade, características da pulsão de morte, é um sacrifício, tendo em vista que o sujeito deve renunciar a algo em nome das exigências civilizatórias. Sendo assim, o sujeito não estaria feliz nem ao expressar sua agressividade, nem ao reprimi-la. A partir dessa ideia, viver de forma civilizada é proteger-se contra o gozo do outro. Isto é, o mal é também o nosso gozo, este que se veicula através da agressividade dirigida ao outro e ao próprio sujeito. Lacan (1959-1960/1988) considera, então, que gozo e moral são inconciliáveis, visto que o mal do gozo surge, justamente, na medida em que envolve o mal de um outro e que se goza a partir do corpo do outro. Assim, ele entende o "objeto *a*", o irrepresentável, como parte do Outro (CORDEIRO; BASTOS, 2011).

Ao tratar do supereu, Lacan fala sobre uma lei desconhecida, uma vez que não é possível ter um agrupamento de significantes capazes de englobar o saber por completo. Com

⁴ O Outro grafado com “O” maiúsculo é uma referência ao conceito lacaniano. Com isso, Lacan não quer dizer que o Outro é uma pessoa ou uma coisa, mas um “lugar/estrutura simbólica” (LACAN, 1954-55/1985, apud. SILVA, 2017, p. 28).

⁵ Gozo, para Lacan, está relacionado com o que está “mais-além” do princípio do prazer. Por ser uma satisfação que não é vivenciada pelo sujeito como prazerosa, está a serviço da pulsão de morte, e, portanto, associa-se a compulsão à repetição (QUEIROZ, 2012).

isso, Lacan aponta para uma falta constitutiva e essencial, que é responsável também pela parte sem-sentido de um significante (CORDEIRO; BASTOS, 2011).

Essa discussão nos permite pensar a voz presente em diversos sonhos de Thomas, que ele identifica como a voz de seu pai. Thomas se queixa do desamparo, da falta de alguém que cumpra esse papel superegóico de ordenar um gozo impossível e que, ao mesmo tempo, permita que ele se depare com a lei. É justamente nessa falta de "direcionamento", de alguém que diga o que é certo e o que é errado (moral), que se manifesta o imperativo superegóico do gozo. Isso porque o supereu é a instância que diz "faça" (goze), mas não diz "como", e, no mais das vezes, nem o quê. Então, é percebida como uma ordem absurda, angustiante. Será que não é isso que ele manifesta quando clama por um pai que lhe dê direcionamento? É interessante que, no lugar dessa ausência definitiva do pai (sua morte), advém a fantasia de um pai onipotente que lhe daria orientação.

Assim, podemos compreender, a partir desses sonhos, a presença de uma voz que transmite a ele mensagens motivadoras, encorajadoras, de incentivos. É através desses sonhos nos quais um "algo a mais" é inserido, que ele entra em contato com a ordem do irrepresentável, com aquilo que palavra alguma consegue expressar. Por mais que ele "saiba", através de suas fantasias inconscientes, que essas mensagens são de incentivo, ele não sabe exatamente do que se trata. É aí que Thomas se depara com uma lei desconhecida, que não é capaz de englobar todo o saber presente em um determinado significante, mas que incentiva, que impõe restrições e que provoca identificações.

Para falar sobre a entrada da criança na linguagem e da conseqüente instauração de uma dimensão simbólica, Lacan forja a noção de Nome-do-Pai, significante que se constitui como uma metáfora, na medida em que substitui um outro significante, e que permite, assim, a construção de novas significações. Ao nascer, o bebê é cuidado por um Outro, que exerce a função materna. Este Outro está inserido na cultura e, portanto, marcado pelo limite da castração simbólica e participante do circuito do desejo e do gozo (JULIEN, 2003; MIRANDA, 2020).

Mesmo que o bebê seja um objeto privilegiado, o desejo da mãe não tem um objeto específico definido, configurando-se como um enigma para o bebê. Por ser enigmático, esse desejo é, para a criança, ausente de significação, o que faz com que ela o metaforize com o significante da paternidade. A significação que surge dessa substituição é o falo, já que é o que falta à mãe e o objeto que motivaria o seu desejo de ser, para além de mãe, mulher. A

partir do olhar para a mãe como Outro, podemos compreender que o desejo da criança, ao inscrever-se nesta mesma lógica, é formado a partir do desejo do Outro. Portanto, ao longo de sua vida, o sujeito procura compreender o que significa o próprio desejo, que diz respeito a um Outro e o que significa o desejo do Outro ao qual ele quer satisfazer (JULIEN, 2003; MIRANDA, 2020).

Com o complexo de Édipo, Freud descreveu o pai como onipotente, como o grande responsável por instituir a lei e por defini-la para a mãe. Lacan complementa a descrição freudiana ao dizer que, para além do pai que impede o desejo, há o pai que reúne o desejo e a Lei, demarcando um limite. Essa unificação se dá a partir da compreensão de que só há desejo se houver um limite a ser transgredido (JULIEN, 2003).

Na visão de Lacan, o corte na relação mãe-bebê, inicialmente simbiótica, é efetuado pelo pai. Essa função exercida pelo pai é absolutamente importante para a constituição do desejo do sujeito, já que só há a possibilidade de desejar na medida em que se reconhece a existência da Lei, e, portanto, do Outro. Enquanto o bebê acredita que ele e o mundo são uma coisa só, não há lugar para o desejo. A dimensão do desejo é instaurada no psiquismo a partir do momento em que é identificado um limite entre o Eu e o Outro. É a partir dessa noção, e inspirado pela leitura kojéviana de Hegel, que Lacan afirmou que “o desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, 1958/1998, p. 634). Identificar-se com o Outro é, em alguma medida, incorporar algo ao Eu. Na separação mãe-bebê, a criança precisa se inserir na dialética de, ao mesmo tempo, se apropriar de algo do outro, mas conseguir identificá-lo como outro, de forma a não se apropriar totalmente. Essa tensão entre o Eu e o outro é fundamental. Sendo assim, com a sua afirmação, Lacan não quer dizer que o sujeito deseja o objeto de desejo do outro, mas, sim, que ele quer possuir o desejo do outro, por exemplo, da mãe, isto é, que ele quer ser desejado.

A figura paterna como autoridade superegóica funciona, então, simultaneamente, como incentivador amado e interditor odiado. Ao nomear o desejo materno, o Nome-do-Pai torna-se possibilidade de significação em relação ao Outro, significação esta que é marcada pela instabilidade, pelo limite e pela impossibilidade de alcançar um saber pleno e completo. O Nome-do-Pai constitui, portanto, o sujeito *do* desejo e *de* desejo, que será sempre insatisfeito (JULIEN, 2003).

Em relação à ausência do pai, Júlia diz:

Mas não ter um pai, vou te falar a real, para a gente que é mulher, a gente perde referência de com quem a gente quer se relacionar. Se a gente não tem um exemplo ou se a gente não... Não sei. É igual, substitui, vou substituir? Não, não substitui. Acho que, se alguém for substituir, é o padrasto que realmente tem uma função de estar ali com a pessoa né, de se dedicar a ser o pai, mesmo não sendo. Mas como eu realmente não tive, eu acho que o rumo da minha vida ficou sem rumo. Entende? Tipo, é sem rumo.

Quando Júlia fala sobre sua vida ter ficado “sem rumo” com a falta de seu pai, nota-se a presença paterna sob a forma de ausência, isto é, o pai está presente como significante da falta. A função do supereu, representante do pai no psiquismo, responsável por autorizar o desejo, ao mesmo tempo que insere a lei, o limite, parece ter sido buscado por Júlia de outras formas. Diante da necessidade de encontrar um “rumo”, ela diz:

Eu fui entender um pouco mais sobre essa falta de pai, essa percepção, esse luto, na verdade, quando eu percebi que eu precisava me resolver em relação a isso para eu conseguir ter acesso a Deus, sabe? Porque pelo menos o que eu acredito é super interligado. Tipo, a relação que você tem com seu pai e a relação que você tem com Deus.

Aí foi quando eu descobri que tinha transtorno de personalidade dependente. (...) Tipo, até eu conseguir entender determinado assunto, eu tive meio que implorar para a minha psicóloga para ela me dar esse diagnóstico, porque ela já sabia que eu tinha, mas não me falava. Aí eu peguei e falei “doutora, eu preciso que você me dê um norte, eu preciso resolver minha vida” e aí foi que ela disse que eu tinha esse transtorno.

A partir desses trechos, é possível refletir sobre o papel de Deus e do diagnóstico na história de Júlia. Talvez Deus ocupe esse lugar de um Outro que insere o limite, que organiza a experiência e que autoriza o desejo do sujeito a partir de uma lei, ao mesmo tempo que proíbe o gozo. Deus estaria ali para dizer o que é certo e o que é errado, o que é permitido ou não, o que é pecado e o que é dever do sujeito cristão. Será que não poderíamos pensar o mesmo em relação ao “norte” que o diagnóstico fornece, de modo que permita que Júlia acredite que isso irá “resolver a sua vida”? Diagnosticar um transtorno é, também, definir um conjunto de sintomas característicos do sujeito que o carrega, o que, em alguma medida, coloca também um limite ao desejo, isto é, determina até onde aquela pessoa pode gozar. Encontrar o norte no diagnóstico seria uma via de apoderar-se de uma lei que dita o desejo e define o gozo.

Faz-se relevante destacar que, quando Lacan se refere ao Nome-do-Pai, ele não está falando necessariamente de um homem ou do pai real, mas de um significante que organiza a realidade simbólica do sujeito. O exemplo de Júlia nos mostra que a morte do pai real não

implica a inexistência da metáfora paterna, do Nome-do-Pai. Tanto a crença em Deus quanto o diagnóstico funcionaram como um “norte” e, do ponto de vista psíquico, como significantes que a auxiliam a organizar seu desejo.

Mesmo que esses significantes tenham dado a ela um direcionamento, devemos tomar cuidado para não considerar a falta da metáfora paterna nos momentos em que ela diz estar “sem norte”. O Nome-do-Pai instaura o campo do desejo, mas não é a solução para os problemas do sujeito. Em *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) considera que a relação do supereu com o Eu “não se esgota na advertência: 'Assim (como o pai) você deve ser'; ela compreende também a proibição: 'Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele’” (FREUD, 1923/2011, p. 31).

Neste sentido, é interessante retomar os sonhos de Thomas nos quais emerge a voz do pai. Tendo em vista que Thomas perdeu o seu pai aos 10 meses de idade, é impossível dizer que ele tem lembranças do pai real. No entanto, ainda que a vivência da perda tenha sido extremamente precoce, seus sonhos deixam muito claro a presença do pai simbólico, desse Nome-do-Pai, através de uma voz que se faz presente como se o pai estivesse vivo. O pai morreu, então, na realidade, mas continua presente simbolicamente, como uma instância psíquica, que vigia e que incentiva. É o que Lagoas e Chatelard (2019) dizem a respeito da lógica da perda: "o sujeito experimenta o objeto como algo que foi perdido, mas que, ao mesmo tempo, só se constitui em função dessa perda" (p. 10). Após os sonhos, Thomas acorda com a sensação nítida de ter recebido uma mensagem de encorajamento do pai, mas não sabe o conteúdo exato das mesmas, o que mostra que o sonho traduz uma impossibilidade: "uma perda anterior ao que foi perdido" (BAAS, 1992, apud. LAGOAS e CHATELARD, 2019, p. 10).

Através dos exemplos de Thomas e Júlia, é possível notar que a força do pai vem justamente da função simbólica que ele exerce. Apesar de Júlia ter convivido com o pai por 10 anos e Thomas apenas por 10 meses, ele tem o significante do pai consolidado e estável, significante este que o acompanha e em volta do qual ele está constantemente circulando. Isto porque os processos inconscientes não obedecem à temporalidade cronológica da consciência, sendo, assim, “atemporais” (FREUD, 1915/2010, p. 128). Aqui podemos traçar um paralelo com a ideia que Freud (1916/2010) estabelece em seu texto *Transitoriedade*, sobre a efemeridade do belo e o encanto que a finitude pode a ele acrescentar. O autor considera que, “se o valor de tudo quanto é belo e perfeito é determinado

somente por seu significado para a nossa vida emocional, não precisa sobreviver a ela, e portanto independe da duração absoluta” (FREUD, 1916/2010, p. 249). Essa frase nos faz pensar na ideia de que a força da função paterna independe de condições específicas, como a duração absoluta do tempo de convivência.

Na fala de Thomas, o seguinte trecho aponta para a presença desse pai simbólico:

Teve uma vez que eu falei para a minha avó que estava com muita saudade do meu pai e ela perguntou “mas como você vai sentir saudade se não conviveu com ele?”. Você não precisa conviver com uma pessoa para sentir saudade. Eu sinto falta de ter e de ter tido essa figura comigo. De ter conhecido ele. (...) Eu sinto falta disso. Ainda mais por ter esses impulsos de às vezes sentir, ter esses sonhos. Como que você sonha com uma pessoa que você não conviveu, que você viu por foto?

Faz-se importante enfatizar neste trecho, também, o cuidado que devemos ter ao falar sobre o objeto que o sujeito perdeu. Ninguém jamais compreenderá que parte de uma pessoa morreu junto com um pai. É relevante lembrarmos sempre do alerta de Allouch (2004), de não cairmos no extremo do silêncio ensurdecido e nem no da tentativa de simbolização de uma perda a partir das próprias crenças, pressuposições e sentimentos. Qualquer um desses extremos configura-se uma violência à subjetividade.

Apesar da presença desse pai simbólico, a ausência desse pai na realidade mobiliza muito Thomas, como visto ao longo da análise de seu discurso. Essa mobilização parece ter sido um impulso para que ele cumprisse o papel de direcionador na vida de algumas pessoas, tendo em vista que, em sua infância e adolescência, não houve alguém que agisse como um direcionador para ele. Isso foi visto no trecho já mencionado, no qual ele fala que quer ter uma ONG para ensinar a dança para crianças em vulnerabilidade social. Mas, além disso, Thomas assume esse papel com o seu irmão mais novo. No início da entrevista, ao ser perguntado sobre seus irmãos, ele diz que:

Tenho uma irmã de 26, da mesma mãe e mesmo pai, eu tenho 24, meu irmão 19 e o outro 18.

Depois de falar sobre a voz do pai que aparece nos sonhos ele relata:

Outra coisa que aconteceu foi que a minha mãe engravidou de novo, tem um bebê de 3 anos. E ele é muito apegado comigo, desde sempre. E ele tem o mesmo mapa astral que eu, é uma coisa muito bizarra. Eu não sei por que eu tô falando isso. Mas eu sinto como um poder do universo a chegada dele. Não sei por que eu falei isso. Mas é que isso aconteceu um pouco depois. Em 2016, eu estava muito dentro dessa experiência. Foi em 2016 que eu estava correndo atrás de tudo [informações sobre a morte do pai] e foi quando minha mãe engravidou. Parecia que a própria chegada dele queria me dizer alguma coisa. Quando ele chegou e eu peguei ele no colo, eu fiquei tipo

“caraca”. É que eu não sou o pai, entendeu? Só que eu tenho um sentimento muito paterno com ele.

(...) Mas eu escolho estar com ele, fazer o que eu quero fazer por ele. Tenho muita vontade mesmo de fazer as coisas acontecerem na minha vida para dar uma boa educação para ele. E ele não é meu filho, mas eu quero fazer isso por ele. Eu não tive ninguém pra fazer isso comigo e não podia fazer isso pelos meus irmãos, porque eu era muito novo. E hoje eu posso fazer por ele. Correr atrás, fazer as coisas acontecerem na minha vida, pra fazer por ele (chora). Dar a opção de ele ser um astronauta se quiser. Eu quis ter muitas coisas na minha vida (chora), mas infelizmente minha família não tinha condições, e não tinha uma pessoa que fizesse isso por mim. Hoje, eu escolhi ser essa pessoa pra ele (chora).

Além de declarar abertamente o desejo de ser esse direcionador para o irmão de três anos, há alguns pontos que merecem destaque em sua fala. Primeiramente, o lapso de Thomas ao ser perguntado sobre quantos irmãos tinha, ignorando por completo o de três anos. Isso mostra que é bem provável que ele realmente não se veja em uma relação fraterna com esse irmão, mas, sim, como representante da função paterna. Para confirmar esse lugar ocupado por Thomas, ele reafirma diversas vezes que “não é o pai dele”, como se o “não” permitisse a chegada desse conteúdo à consciência.

Mais um ponto interessante neste trecho é a frase “não sei por que falei isso”, repetida por Thomas algumas vezes ao falar sobre o irmão. É importante notarmos que esse tema veio à tona logo após uma forte emoção causada pela lembrança dos sonhos com as mensagens de encorajamento do pai, que aparecem através da voz nos sonhos. Isso mostra que, possivelmente, ele estava entregue à associação livre neste momento, ao permitir que conteúdos que não aparentavam ter uma lógica racional chegassem à consciência. Por mais que, conscientemente, ele não compreendesse o sentido de sua fala, foi tomado, mais uma vez, por uma emoção intensa, que, talvez, também não fosse passível de explicação. Algo no processo associativo fez emergir determinados afetos que estão ligados, provavelmente, a conteúdos recalçados. Assim, a própria associação permitiu que algo começasse a ser elaborado.

Nesta seção, discutimos a função paterna, função esta que nos remete inevitavelmente a uma ideia de família, isto é, de constituição do sujeito a partir das determinações familiares. Por outro lado, na próxima seção tentaremos explorar os elementos que fazem com que haja a infiltração de um sentimento de estranheza e, portanto, de infamiliaridade na dimensão mais íntima e singular do sujeito, justamente no aspecto familiar.

3.2 Sentimento de Infamiliaridade

Falando ainda sobre emoções intensas, há um sonho de Thomas que traz um aspecto importante de sua vivência do luto: o sentimento de unfamiliaridade. Com o conceito de infamiliar, Freud (1919/2019) enfatiza a dimensão estética da experiência subjetiva, ou seja, os modos por meio dos quais ela se expressa no nível da sensibilidade e da percepção. O sonho de Thomas nos permite reconhecer a dimensão de seus sentimentos. Ele conta:

Eu tenho muitos sonhos e ouço vozes [nos sonhos] que falam muito profundamente em mim, a ponto de eu sentir a emoção. Eu não sei explicar. No sonho, eu sinto uma emoção inexplicável e choro muito. Eu acordo com a sensação de sonho. Já sonhei várias vezes de entrar no ônibus e o cobrador me falar uma coisa muito específica e eu sentir essa sensação. É mesmo inexplicável. Eu não consigo associar essa sensação com nada que eu vivi. Não é amor, não é tristeza, não é nada que eu já vivi.

Essa “coisa muito específica”, dita pelo cobrador do ônibus, nos aponta para o fato de que, unicamente pelo conteúdo da mensagem, ela não carregaria consigo nada de muito especial ou extraordinário a ponto de levá-lo a uma grande emoção. Entretanto, justamente essa situação tão comum em seu cotidiano, e, portanto, tão íntima a ele, é responsável por causar uma emoção em uma proporção significativa, desencadeando o que Freud (1919/2019) chamava de “sentimento de unfamiliaridade”. É curioso notar que essa emoção tão estranha, impossível de ser nomeada, aparece justamente em um sonho, isto é, em algo que pertence única e exclusivamente a ele. Com isso, pode-se compreender que o recalque incide sobre os conteúdos familiares e íntimos. O “in” é o modo pelo qual esses conteúdos se expressam na consciência sensível.

Freud (1919/2019) nos chama a atenção para a ausência de representação da morte no inconsciente. A partir disso, há a necessidade de prolongar a vida, seja a partir de crenças em existências anteriores ou da reencarnação, tudo isso para desresponsabilizar a morte pela extinção da vida (FREUD, 1915/2010). Nota-se essa característica no discurso de Thomas:

Quando eu acordo depois desses sonhos, eu passo o dia muito reflexivo, com aquela emoção. (...) Eu não consigo atrelar a alguma coisa. A única coisa que me vem é a possibilidade de ser algo espiritual mesmo. Nós temos crenças, acreditamos em coisas, mas não sabemos o que acontece fora do nosso plano, desse plano físico. Eu não sei o que acontece depois da morte. Às vezes ele pode estar aqui comigo, e essas sensações refletem essa tentativa de comunicação, não sei.

Quando Thomas diz que sente uma emoção forte nos sonhos, a qual ele “não consegue atrelar a coisa alguma”, nota-se a presença do caráter disruptivo da pulsão de morte, este que separa, que desliga e que desatrela.

Além de se expressar em relação à morte, o sentimento de infamiliar se faz presente, também, através do duplo. Apesar de, inicialmente, o duplo ser uma forma de amparo, uma “garantia contra o declínio do Eu” (RANK, 1914/2010, apud. FREUD, 1919/2019, p. 69), a partir do momento em que o bebê reconhece a imagem refletida no espelho como *sua* imagem, o duplo passa a ser um prenúncio da morte. Freud (1919/2019) exemplifica o aparecimento dos duplos ao falar sobre pessoas com aparência muito semelhantes e, para além da semelhança física, a apropriação do conhecimento, de sentimentos e vivências. Assim, ele considera essas experiências como uma duplicação do Eu e como um eterno retorno do mesmo, que pode se perpetuar por sucessivas gerações.

Essas características do duplo, descritas por Freud, podem ser, em alguma medida, notadas no discurso de Thomas, quando ele fala que:

Minha avó é muito apegada a mim, porque ela disse que eu pareço muito com ele. Tipo, fisicamente e a minha personalidade. E eu nunca convivi muito com ele. E eu acredito que personalidade também é muito da cultura. Então como eu tenho a mesma personalidade de uma pessoa que eu nunca convivi? (...) É que, às vezes, é como se a minha individualidade fosse apagada. Por conta de eu parecer tanto com ele, a minha família já me relaciona muito com ele. Então sempre quando eu fico, assim, algum tempo sem ver minha avó, ela fala dele, que sente falta e tal. Aí fica aquilo né, será que ela gosta de mim mesmo ou ela só me quer por perto pra suprir a falta do filho?

Na fala de Thomas, percebe-se a sensação de infamiliaridade causada por essa semelhança, principalmente por ele não ter convivido tempo o suficiente com o pai para parecer tanto com ele. Por outro lado, no inconsciente essa convivência parece ter sido bastante intensa. A relação de Thomas com o seu duplo é ambivalente. É fonte de amparo através das mensagens de encorajamento; no entanto, a partir do momento que o conteúdo dessas mensagens não é explícito, esse amparo se dilui. O duplo torna-se, simultaneamente, o prenúncio da morte, na medida em que as comparações fazem com que ele perceba que a sua “individualidade é apagada”, ou seja, é anulada, deixa de existir. Essa ambivalência é própria do sentimento de infamiliaridade, de forma que haja algo muito íntimo, que acolhe o sujeito, que faz com que ele o reconheça, mas que, concomitantemente, o ameaça.

Para Freud (1919/2019), reencontrar o idêntico é um aviso de que o sujeito não é unicamente igual a si e nem completamente diferente do que ele considera estranho e infamiliar. Assim, o duplo é uma garantia contra a morte, já que assevera que, mesmo com a morte do sujeito, algo vai continuar. No entanto, é também uma ameaça, já que, a partir do momento em que há algo muito parecido com o sujeito, seu lugar torna-se ameaçado. Essa ambiguidade é, também, própria do narcisismo. É bom haver um semelhante do ponto de vista psíquico, para que haja apoio na realidade externa. Entretanto, a distinção entre Eu e outro fica abalada. É exatamente isso que aparece na fala de Thomas quando ele conta que sente como se sua “individualidade fosse apagada”. Através desse duplo, ele coloca frequentemente em questão o desejo do Outro, isto é, “O que o Outro quer de mim? O que eu sou para o Outro? Qual é o meu lugar no desejo desse Outro?”. Não fica claro para Thomas se o lugar que ele ocupa na sua família é próprio ou uma duplicação de seu pai, o que denuncia a compulsão à repetição que pode marcar gerações posteriores.

Essa noção de compulsão à repetição que ultrapassa gerações pode, também, ser vista em outras partes do relato de Thomas. Além de ocupar esse lugar de duplo de seu pai, seu irmão mais novo parece ser um duplo dele próprio. Como já visto em trecho anterior, ele diz que “é muito apegado com o irmão”, que “sente a chegada dele como um poder do universo” e que “quer fazer as coisas acontecerem em sua vida para dar uma boa educação para ele”. Ao falar sobre isso, ele conta que não teve ninguém que fizesse isso por ele e, por isso, tem tanta vontade de ser essa pessoa para o irmão. Com isso, nota-se a dificuldade na diferenciação entre Eu e Outro, o que o leva à concepção do irmão como sua continuidade, já que vê-lo realizando o que ele mesmo não conseguiu seria como realizar, através desse irmão, seus anseios narcísicos.

Diante das discussões estabelecidas neste capítulo, ressaltamos a importância dos processos de subjetivação, para que haja uma elaboração do luto como saída, pela via simbólica, para essa compulsão à repetição. Enfatizamos, também, a importância de que o sujeito enlutado, principalmente ao falarmos de crianças, receba amparo suficiente a ponto de poder endereçar a dor a um outro, transformando-a em sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi realizado com o intuito de tentar compreender a elaboração do luto em pessoas adultas que perderam o pai durante a infância, a partir da teoria psicanalítica. Com isso, não tivemos a pretensão de entender apenas a dor do luto no momento em que a morte foi vivida, isto é, na infância. Pretendeu-se, principalmente, entender os aspectos, absolutamente singulares, implicados no processo da elaboração do luto, que é interminável. Rilho (2015) nos recorda que a atualização da perda vivenciada é constante, o que indica que os conteúdos elaborados a partir dela serão revisitados diante de uma nova perda, que, de alguma maneira, sustentava algum traço do ideal do Eu, através do qual nos sentíamos amados.

Assim, a morte de um pai significa, para o sujeito, muito mais do que perder uma figura amada. Levando em consideração o aspecto singular dessa perda, seria um equívoco tentar generalizar suas dimensões. No entanto, alguns conceitos nos ajudam a pensar sobre essa experiência, e, portanto, foram discutidos no primeiro capítulo. Dentre esses conceitos, destacam-se, principalmente, o luto, a melancolia, o trauma, a pulsão de morte, a compulsão à repetição e o sentimento de infamiliaridade. Visto que ambos os participantes perderam o pai, fez-se relevante traçar uma relação, no capítulo seguinte, entre a experiência deles com o significante Nome-do-Pai, metáfora cunhada por Lacan para explicar a instauração da dimensão simbólica.

O segundo capítulo foi reservado às análises das entrevistas realizadas com Thomas e com Júlia, a partir do arcabouço teórico levantado no primeiro capítulo. Para isso, foram escolhidos, para compor a análise psicanalítica do discurso, os trechos que melhor caracterizavam os desdobramentos da perda vivida por eles. O capítulo recebeu o título de “Se meu pai estivesse vivo, eu seria uma outra pessoa”, frase verbalizada por um dos participantes e que pode ser considerada um resumo do que foi narrado por ambos. Júlia e Thomas vivenciaram uma elaboração do luto e, principalmente, uma simbolização da perda com várias particularidades distintas; em todo caso, essa frase parece unir tais experiências.

Voltando à ideia de Freud acerca da ausência de representação da própria morte no inconsciente, Rilho (2015) considera que a tentativa de representá-la acaba por colocar o

sujeito em lugar de espectador, na medida em que acredita ser imortal. No entanto, a partir da concepção da morte de uma pessoa amada, chegamos a um ponto de partida que impõe um recomeço e que simboliza o vazio. Tendo em vista a identificação e a apropriação da morte, que ocorre devido à singularidade da experiência, vivenciar o luto de alguém amado é sair da posição de espectador, de objeto do desejo do outro e assumir uma posição de sujeito do próprio desejo. É possível traçar uma relação entre essa consideração e a frase que dá nome ao capítulo, levando em conta que a morte do pai os obrigou a construir um novo começo e novas elaborações, que não ocorreriam caso houvesse a presença paterna física. É apenas *a posteriori* que o vazio será preenchido com “o pai, Deus, cena traumática, mãe, etc.” (Rilho, 2015, p. 90).

Esse debate permitiu enfatizar a importância de um outro cuidador como fonte de amparo, diante da perda do pai. Isto é, de alguém que possa cuidar, amar e orientar a criança, ajudando-a a compreender os seus afetos e a elaborar representações acerca de sua perda. Ressaltamos a necessidade de um cuidador que permita que a própria criança dê nome a sua dor, afinal ninguém mais pode saber de que forma a perda a mobiliza e o lugar que ela deixou de ocupar. Essa elaboração ocorre através das palavras e, portanto, da fala, o que nos mostra a necessidade de que não haja um silenciamento acerca da morte e de seus desdobramentos.

Percebe-se claramente a relação da não-elaboração desses conteúdos com a compulsão à repetição, levando os sujeitos a entenderem o eterno retorno do mesmo como um mistério, como algo estranho ou até como "*karma*". Foi possível notar, também, que a morte do pai não é sinônimo de ausência da função paterna. A presença de um pai simbólico será construída por cada pessoa a partir da forma encontrada para preencher o vazio da falta e para simbolizar o evento traumático.

Tendo em vista que o critério de escolha dos participantes foi apenas o de serem maiores de 18 anos e terem perdido o pai na infância, esse trabalho nos ajuda a enxergar a magnitude do impacto da perda do pai na subjetividade. Com isso, não queremos dizer que a perda faz com que vida dessas pessoas seja mais difícil e nem que isso as impede de se constituírem como sujeitos desejantes. Pretendemos, sim, enfatizar que esses sujeitos estarão

sempre destinados ao reencontro com os resquícios do interminável processo de luto e, conseqüentemente, a reconstruir-se.

Considerando as limitações de um trabalho de conclusão de curso, sugere-se que em futuras pesquisas sejam realizadas entrevistas com participantes que perderam a mãe. Seria relevante pensar as relações, articulações e possíveis desarticulações entre as principais questões suscitadas acerca da perda do pai com as da perda da mãe. Considerando, a partir de Lacan, que a função paterna é transmitida pelo desejo da mãe, seria interessante notar a construção da presença simbólica desse desejo da mãe e, conseqüentemente, como se estabelece a função paterna na falta de tal desejo materno na realidade, mas diante de sua presença simbólica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AISENBERG, Ruth; KASTENBAUM, Robert. **Psicologia da Morte**. São Paulo: Pioneira, 1983.
- ALLOUCH, Jean. **Erótica do luto no tempo da morte seca**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- ARAÚJO, Paulo Afonso. Nada, angústia e morte em Ser e Tempo, de Martin Heidegger. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juíz de Fora, v. 10, n. 2, p. 1-15, dez 2007.
- BIRMAN, Joel. Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna. **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 17, p. 175-195, set 2004.
- CAMPOS, Érico. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. **Revista de Psicologia da UNESP**, Bauru, v. 12, n.1, p. 13-24, maio 2013.
- CASTRO, Viveiros. **A morte como quase acontecimento**. Youtube, 29 jul. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nz5ShgzmuW4&t=6780s>>. Acesso em: 13 set. 20.
- CORDEIRO, Naiana Moura Lopes; BASTOS, Angélica. O supereu: imperativo de gozo e voz. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 439-457, dez. 2011.
- DOCKHORN, Carolina. O sujeito da dor e suas formas de mal-estar. **SIG Psicanálise**, v. 2, n. 1, 125-127, 2012.
- DUNKER, Christian; PAULON, Clarice Pimentel; MILÁN-RAMOS, J. Guillermo. **Análise psicanalítica de discurso: perspectivas lacanianas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- ELIA, Luciano. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano (org.). **Clínica e Pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- FORTES, Isabel. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1123-1144, dez 2009.
- FRANCO, Maria Helena; MAZORRA, Luciana. Criança e Luto: Vivências Fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 503-511, dez 2007.
- FREUD, Sigmund. (1895). **Projeto para uma Psicologia Científica**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, volume 1. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1914). **Recordar, Repetir e Elaborar**. Obras Completas, volume 10. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 146-158.
- _____. (1915). **O Inconsciente**. Obras completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 99-150.

_____. (1915). **Considerações atuais sobre a guerra e a morte**. Obras completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 209-246.

_____. (1916). **A transitoriedade**. Obras completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 247-252.

_____. (1917). **Luto e melancolia**. Obras Completas, volume 12. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 170-194.

_____. (1919). **O Infamiliar** [*Das Unheimliche*]. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. (1920). **Além do Princípio do Prazer**. Obras Completas, volume 14. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 120-178.

_____. (1923). **O Eu e o Id**. Obras Completas, volume 16. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 9-64.

_____. (1924). **O Problema Econômico do Masoquismo**. Obras Completas, volume 16. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 165-181.

_____. (1930). **O Mal-Estar na Civilização**. Obras Completas, volume 18. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 9-89.

GREGOLIN, Maria do Rosário. A Análise do Discurso: Conceito e Aplicações. **Alfa**, v. 39, p. 13-21, 1995.

GRIGORIEFF, Alexandra; NÜSKE, João Pedro. Convivência parental: a qualidade das vivências primordiais na constituição psíquica. **Diaphora**, v. 4, n. 2, p. 8-12, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Chemins qui ne mènent nulle part**. Traduit de l'allemand par Wolf-gang Brokmeier. (Titre original: Holzwege, Vittorio Klostermann, Frankfurt/Main, 1949). Paris: Gallimard, 1962. L'origine de l'oeuvre d'art, p. 13-98.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989.

HENDERSON, Guilherme. A afirmação da vida até na morte: o teatro de Zé Celso e a psicanálise lacaniana. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. -4, p. 4, 2017.

JORGE, Marco Antonio. **Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan: As bases conceituais**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

JORGE, Marco Antonio. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: A clínica da fantasia**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

JULIEN, Philippe. **Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LACAN, Jacques. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1959-1960). **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LAGOAS, Juliano Moreira. **Epistemologia, Psicanálise e Políticas do Sofrimento Psíquico**. UniCEUB, Projeto de Pesquisa, Brasília, 2017.

LAGOAS, Juliano Moreira; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Contribuições para uma Teoria Psicanalítica da Percepção: da regressão alucinatória à coisa do desejo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019.

MACIEL, Sônia. A noção heideggeriana de angústia e as origens da psicopatologia fundamental. **Veritas**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 187-199, mar 1999.

MENDES, Elzilaine Domingues; VIANA, Terezinha de Camargo; BARA, Olivier. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 423-431, dez. 2014 .

MIRANDA, Hélio. **Nome do Pai - Teoria Psicanalítica - Conceitos em Lacan**. Youtube, 24 jan. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XdunRrAJ4A&t=305s>>. Acesso em: 07 jun. 21.

ORLANDI, Eni P. Michel Pechêux e a Análise de Discurso. **Revista Estudos da Língua(gem)**, Campinas, v. 1, p. 9-15, jun 2005.

PAIM, Ignácio. Compulsão à repetição: pulsão de morte" trans-in-vestida" de libido. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 117-126, mai 2010.

QUEIROZ, Edilene. Dor e gozo: de Freud a Lacan. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 851-866, dez 2012.

RILHO, Valéria Machado. **Erótica do Luto**. 2015. 100f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ROSA, Miriam; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n.1, p. 180-188, 2010.

RUDGE, Ana Maria. **Trauma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SANTOS, Franklin Santana. Perspectivas histórico-culturais da morte. In: SANTOS, Franklin; INCONTRI, Dora (Org.) **A arte de morrer-Visões plurais**. São Paulo: Comenius 2007, p. 13-25.

SANTOS, Renato dos; MOHR, Allan Martins. A (de)vida angústia de morte: considerações a partir da filosofia e da psicanálise. **Natureza humana**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 169-187, jul 2018.

SILVA, Débora dos Santos; COSTA, Raul Max Lucas. As faces da melancolia: pulsão de morte, supereu e ato em Florbela Espanca. **ID on line Revista de Psicologia**, v. 6, n. 17, p. 5-24, jul 2012.

SILVA, Livia Campos. **O estatuto do Outro no pensamento de Jacques Lacan**. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. *Ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução e notas de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 26, n.1, p. 97-113, 2003.

WINOGRAD, Monah. A dupla potencialidade do irrepresentável e a negatividade necessária: trauma e pulsão de morte. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 215-244, dez 2018.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O luto e suas repercussões subjetivas: uma análise psicanalítica acerca da experiência de perda do pai na infância

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

Pesquisadora assistente: Thaís Luz Beckert

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo deste estudo é investigar a experiência do luto na contemporaneidade, procurando compreender, especialmente, como as pessoas que perderam o pai na infância o elaboram no decorrer da vida

- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual sobre o tema de pesquisa.
- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual semiestruturada.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- A pesquisa será realizada através de uma entrevista virtual via Google Meet.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso este procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não

precisa realizá-lo.

- Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando, para isso, entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Thaís Luz Beckert, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisador Responsável: Juliano Moreira Lagoas
E-mail: juliano.lagoas@ceub.edu.br

Pesquisadora Assistente: Thaís Luz Beckert
E-mail: thaisluz31@hotmail.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1200

ANEXO B

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1) Conte-me um pouco sobre as atividades que tem realizado no seu dia a dia.
- 2) O que mais te desperta interesse hoje?
- 4) Você poderia me contar como foi a situação de perda do seu pai?
- 5) Como foi lidar com a morte do seu pai?
- 6) Conte-me um pouco sobre o seu processo de luto.
- 7) Você fez alguma terapia durante a sua vivência do luto?
- 8) Como seus familiares, amigos e conhecidos agiram com você no momento da perda e nos anos subsequentes? ou Você se lembra de quando teve conhecimento sobre a morte do seu pai? A partir de onde você lembra, como seus familiares, amigos e conhecidos agiram com você em relação a sua perda?
- 9) E hoje, como as pessoas reagem quando você diz que perdeu seu pai na infância?
- 10) De que forma você acredita que essa perda interfere no seu cotidiano?
- 11) De que maneira você acredita que a perda que vivenciou ainda tem impactos na sua vida?

ANEXO C**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:**

O luto e suas repercussões subjetivas: uma análise psicanalítica acerca da experiência de perda de do pai na infância

Pesquisador:

JULIANO MOREIRA LAGOAS

Área Temática:**Versão:**

1

CAAE:

44797021.8.0000.0023

Instituição Proponente:

Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.655.772

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

A presente pesquisa tem como escopo investigar as repercussões subjetivas da perda do pai na infância no decorrer da vida dos sujeitos que vivenciam este luto.

Quanto ao critério de inclusão, o pesquisador enuncia que participarão desta pesquisa duas pessoas, maiores de 18 anos, um homem e uma mulher, que tenham perdido o pai na infância. Serão recrutados mediante as redes sociais e, posteriormente, serão convocados para a entrevista por meio de contato telefônico realizado pelo pesquisador responsável.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário da presente pesquisa é investigar a experiência do luto na contemporaneidade, procurando compreender, especialmente, como as pessoas que perderam o pai na infância o elaboram no decorrer da vida.

Objetivo secundário consiste em investigar os impactos de uma sociedade que nega e silencia o sofrimento no processo de elaboração do luto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No que tange aos riscos, o pesquisador assevera que "a presente pesquisa envolve riscos mínimos. Na entrevista, serão realizadas perguntas não invasivas, mas com temas delicados. Portanto, caso a pessoa se sinta constrangida, poderá optar por não respondê-las. As entrevistas serão realizadas através de uma vídeo chamada no Google Meet, portanto, os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo das informações. A garantia do sigilo, bem como as demais informações sobre a pesquisa, constarão no TCLE a ser enviado digitalmente para o participante, que deverá apor sua assinatura digital e devolver ao pesquisador responsável".

Registra-se que, de acordo com a Resolução nº 466/12, risco consiste na "possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente". Ainda, conforme o item III.1 da Resolução citada, na avaliação ética dos riscos deve haver a ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos. Na presente pesquisa, verifica-se que não há a probabilidade de que a pesquisa ocasione aos participantes danos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

No que tange aos benefícios, o pesquisador enuncia que "Visa contribuir para a desmistificação do tema, na tentativa de retirar a experiência da morte de um campo singular e privado e coletivizá-la, trazendo -a para o debate público. Pode servir, também, como contribuição acadêmica para futuros psicólogos, de forma a propiciar um conhecimento necessário para que a clínica psicológica não seja outro ambiente de negação e silenciamento dos sentimentos implicados na elaboração do luto."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa proposta apresenta relevância social e acadêmica.

A pesquisa apresenta cronograma e orçamentos adequados do ponto de vista ético. O currículo do pesquisador responsável está em consonância com a pesquisa a ser executada. Com efeito, a presente pesquisa aplica procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes, dessa forma, em relação à análise ética desses procedimentos metodológicos essa implica tão somente a verificação dos riscos que ocasionam para o participante e o seu impacto sobre os direitos dos participantes. Ademais, sublinha-se que não cabe ao Sistema CEP/CONEP a análise do desenho metodológico.

O instrumento que será aplicado aos participantes revela-se adequado, trata-se de entrevistas sobre aspectos pessoais concernentes à vivência do luto por parte dos participantes, mas que se revelam razoáveis do ponto de vista da penetração da esfera de privacidade dos indivíduos em face da busca pela produção de conhecimento científico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A Folha de Rosto não se encontra preenchida, contudo, houve a apresentação de mensagem eletrônica da qual consta a autorização para a realização da presente pesquisa.

A Resolução nº CNS 466/12, especificamente com seu IV.3, estabelece o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Consoante tal dispositivo, o Termo ora apresenta se encontra adequado.

Recomendações:

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto aos incisos XI.1 e XI.2 da Resolução nº 466/12 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

XI.1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

- c) desenvolver o projeto conforme delineado;
- d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A presente pesquisa se encontra apta a ser iniciada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 4.643.264/21, tendo sido homologado na 5ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 9 de abril de 2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1711183.pdf	23/03/2021 10:41:07		Aceito
Outros	Anuencia_mono.pdf	23/03/2021 10:31:38	THAIS LUZ BECKERT	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	23/03/2021 10:26:47	THAIS LUZ BECKERT	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEmono.pdf	16/03/2021 10:40:13	THAIS LUZ BECKERT	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ThaisBeckertProjetodeMono.pdf	14/03/2021 11:37:01	THAIS LUZ BECKERT	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 16 de Abril de 2021

Assinado por:

**Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))**

<p>SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar</p> <p>Endereço: Setor Universitário</p> <p>Bairro: CEP: 70.790-075</p> <p>UF: DF Município: BRASILIA</p> <p>Telefone: (61)3966-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br</p>
--